

PRESENÇA

REVISTA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E MEIO AMBIENTE- Mai.-Nº24, Vol. VI, 2002.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA — UNIR

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS MODOS DE VIDAS E CULTURAS AMAZÔNICAS-GEPCULTURA

LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA HUMANA E PLANEJAMENTO AMBIENTAL

PRESENÇA - ISSN 1413-6902

Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente

Vol. VI - n° 24 - Maio — 2002 — Porto Velho/RO

PROVADO PELO CONSEPE/UFRO RESOLUÇÃO N°0122/1994

Editor:
JOSUÉ COSTA

Fotos:
Josué da Costa

Leiaute e Diagramação:
Eliaquim T. da Cunha
Sheila Castro dos Santos

CONSELHO EDITORIAL

Arneide Bandeira Cemin – antropóloga/UNIR
Carlos Santos – geógrafo/UNIR
Clodomir Santos De Moraes - sociólogo/UNIR
Liana Sálvia Trindade – antropóloga/USP
Maria Das Graças Silva Nascimento Silva – geógrafa/UNIR
Mariluce Paes De Souza –administradora/UNIR
Miguel Nenevé – letras/UNIR
Nídia Nacib Pontuschka – geógrafa/USP
Theóphilo Alves De Souza Filho – administrador/UNIR

www.revistapresenca.unir.br

PRESENÇA. Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente. Porto Velho, fundação Universidade Federal de Rondônia.

Trimestral

1. **Educação-Periódica**
2. **Meio Ambiente — Periódico**

CDU 37(05)

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	04
MEIO AMBIENTE E GLOBALIZAÇÃO.....	05
REGINA CHELLY PINHEIRO DA SILVA	
NO RITMO DAS ÁGUAS.....	13
NARA ELIANA MILLER SERRA	
A IDENTIDADE NO ESPAÇO: EXPERIÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO EM VOCAÇÃO DO RECIFE, DE MANUEL BANDEIRA.....	22
MARIA ELIZABETE SANCHES EDUARDO MARTINS	
AVALIAÇÃO DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA(UNIR/RO).....	29
JOSÉ CARLOS BARBOZA DA SILVA	
OLHARES SOBRE A REALIDADE DO RIBEIRINHO: UMA CONTRIBUIÇÃO AO TEMA.....	49
JOSÉLIA FONTENELE BATISTA CABRAL	

EDITORIAL

A revista Presença vem marcar mais uma publicação colocando como centro da discussão teórica aspectos voltados a comunicação, imaginário e significação para o homem em suas relações sociais. Neste sentido, as matérias aqui apresentadas vislumbram contribuir de forma significativa para a discussão sobre a pesquisa que utiliza a oralidade como referência em formar interpretações da realidade que têm, no entrevistado uma visão prioritária para essa aproximação, bem como a construção mítica e cultural que os rituais que trazem símbolos e códigos textuais que dizem muito mais do que o ato de realização cultural em si.

Em uma dinâmica que é peculiar ao caráter e existência dessa revista, propomos uma expansão da leitura do meio ambiente, sob o ponto de vista ético. Pensamos todas as discussões articuladas com o conhecimento da realidade amazônica (compromisso irrefutável, imbricado com o próprio existir da revista), publicando fatos acerca da construção histórica deste lugar, enquanto entidade federativa assim como espaço urbano. Ambos sob a égide da dependência política. Por certo não poderíamos deixar de contribuir com a discussão sobre o ensino superior refletindo sobre a seleção do conhecimento que lhe vem sendo inquirida através das reformas curriculares. Essas reflexões, neste número, enriquecerão e certamente contribuirão para o debate por todos aqueles que são interessados pelo tema. Isto nos estimula a confiar que no próximo número a disputa por um espaço nesta revista continuará acirrado.

MEIO AMBIENTE E GLOBALIZAÇÃO

Regina Chelly Pinheiro da Silva¹

RESUMO: O Fenômeno da globalização tem assolado o mundo moderno de maneira avassaladora, acompanhado de todos os processos que lhe são peculiares, tais como exclusão social, concentração de renda e poder, exploração do trabalho e migração de capitais em busca de lucros cada vez maiores, entre outros. A sociedade, por sua vez, tem se mostrado impotente diante deste processo, aderindo ao “modo de vida globalizado” sem muitas vezes perceber suas reais conseqüências. A necessidade constante de expansão do capital, tem levado a uma exploração intensiva dos recursos naturais, gerando desequilíbrios e problemas ambientais de toda a sorte. Não obstante o surgimento de novas tecnologias menos e de legislação mais severa, a solução definitiva passa por profundas mudanças estruturais na sociedade, pela substituição de um modelo em que o capital é primordial, para um modelo em que o homem é a essência, amparado por um desenvolvimento sustentável e inserido dentro de um ambiente saudável.

PALAVRAS CHAVE: Globalização; Meio Ambiente; Modernidade.

ABSTRACT: The Phenomenon of the globalização has been havoc the modern world in an overpowering way, accompanied of all the processes that are him/her peculiar, such as social exclusion, concentration of income and power, exploration of the work and migration of capitals in search of profits every time larger, among others. The society, for your time, it has been showing if impotent before this process, sticking to the " way of life globalizado " without a lot of times to notice your Real consequences. The constant need of expansion of the capital, it has been taking to an intensive exploration of the natural resources, generating unbalances and environmental problems of the whole luck. In spite of the appearance of new less technologies and of more severe legislation, the solution definitive raisin for deep structural changes in the society, for the substitution of a model in that the capital is primordial, for a model in that the man is the essence, aided by a maintainable development and inserted inside of a healthy atmosphere.

KEYWORD: Globalização; Environment; Modernity.

“Ser capaz de ter consciência de si mesmo e de seu mundo é a terrível alegria, a benção e a maldição do homem”. (Autor Desconhecido)

Introdução:

¹ Geógrafa especialista em Geografia Humana e Meio Ambiente e Análise Ambiental – PUC/MG, Mestranda do Curso de Desenvolvimento Regional – UNIR/RO

Globalização é um tema muito amplo. Ainda mais quando relacionado com a Meio Ambiente. Por isso, vou tratá-la a partir de um eixo que direcione a exposição no sentido de nos por em proximidade com o que se passa no Brasil neste momento.

É o tipo de assunto que transborda fronteiras, separa, isola. Bem ou mal, temas contemporâneos como globalização e meio ambiente, que vêm carregados de presságios, têm esse lado positivo de colocar áreas diferentes numa mesma mesa, pondo-lhes a tarefa de entender juntas o que está acontecendo no mundo nos dias atuais.

Como se notará não se tratará globalização e modernidade como duas coisas separadas, mas como teias de um mesmo drama. E buscarei fazer uma linha de ligação entre a globalização e a modernidade, dentro da questão ambiental, que tem gerando desequilíbrios e problemas ambientais de toda a sorte. Não obstante o surgimento de novas tecnologias menos e de legislação mais severa, a solução definitiva passa por profundas mudanças estruturais na sociedade, pela substituição de um modelo em que o capital é primordial, para um modelo em que o homem é a essência, amparado por um desenvolvimento sustentável e inserido dentro de um ambiente saudável.

Neste trabalho buscase-a fazer uma linha de ligação entre a globalização e meio ambiente, discutindo os reflexos das questões ambientais contemporâneas, dentro de toda esta trama, que se passa dentro das sociedades com o evento da globalização.

A Questão Ambiental e a Globalização:

Globalização é um tema atual e bastante amplo, principalmente dentro da realidade dos países em desenvolvimento, que é o caso do Brasil. Por isso, deve ser tratada a partir de um eixo que direcione a exposição no sentido de nos por em proximidade com o que se passa no Brasil neste momento. Temas contemporâneos como globalização e meio ambiente, que vêm carregados de presságios, têm como lado positivo colocar áreas científicas diferentes numa mesma mesa, pondo-lhes a tarefa de entender juntas o que está acontecendo no mundo nos dias atuais.

As aberturas como, migração de capitais, uniformização e expansão tecnológica, capitaneado por uma frenética expansão dos meios de comunicação, parecem ser forças incontroláveis a mudar hábitos e conceitos, procedimentos e instituições. Nosso mundo aparenta estar cada vez menor, mais restrito, com todos os seus cantos explorados e expostos à curiosidade e à ação humana¹. É a globalização em seu sentido mais amplo, cujos reflexos se fazem sentir nos aspectos mais diversos de nossa vida.

As circunstâncias atuais parecem indicar que a globalização da economia, com todas as suas conseqüências sociais e culturais, é um fenômeno que, no mínimo, irá durar. O fim da

bipolaridade ideológica no cenário internacional, a saturação dos mercados dos países mais ricos e a ação dos meios de comunicação, aliados a um crescente fortalecimento do poder das corporações e inversa redução do poder estatal (pelo menos nos países que não constituem potências de primeira ordem), são apenas alguns dos fatores que permitem esse prognóstico. O meio ambiente, em todos os seus componentes, tem sido e continuará cada vez mais sendo afetado pelo processo de globalização da economia.

Os impactos da globalização da economia sobre o meio ambiente decorrem principalmente de seus efeitos sobre os sistemas produtivos e sobre os hábitos de consumo das populações. Alguns desses efeitos têm sido negativos e outros, positivos. Dentre os que escreveram a este respeito destaca-se Giddens (1991) ao afirmar que, *“os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, existem, obviamente, continuidade entre o tradicional e moderno, e nem um nem o outro formam um todo à parte.”*

Com a modernidade, está havendo claramente uma redistribuição das funções econômicas no mundo. Um mesmo produto final é feito com materiais, peças e componentes produzidos em várias partes do planeta. Produzem-se os componentes onde os custos são mais adequados³. E os fatores que implicam os custos de produção incluem as exigências ambientais do país em que está instalada a fábrica. Este fato tem provocado, em muitos casos, um processo de "migração" industrial. Indústrias são rapidamente montadas em locais onde fatores como disponibilidade de mão-de-obra, salários, impostos, facilidades de transporte e exigências ambientais, entre outros, permitem a otimização de custos. Como a produção de componentes é feita em escala global, alimentando indústrias de montagem em várias partes do mundo, pequenas variações de custos produzem, no final, notáveis resultados financeiros. Segundo Ianni (1996) *“... com a nova divisão internacional do trabalho, a flexibilização dos processos produtivos e outras manifestações do capitalismo em escala mundial, as empresas, corporações e conglomerados transnacionais adquirem preeminência sobre as economias nacionais. Elas se constituem nos agentes e produtos da internacionalização do capital”.*

Há uma clara tendência na economia mundial, de concentrar nos países mais desenvolvidos atividades mais ligadas ao desenvolvimento de tecnologias, à engenharia de produtos e à comercialização. Por outro lado, a atividade de produção, mesmo com níveis altos de automação, tenderá a concentrar-se nos países menos desenvolvidos, onde são mais baratos a mão-de-obra, com menores custos, as exigências de proteção ao meio ambiente são mais brandas.

Essa tendência poderá mascarar o cumprimento de metas de redução da produção de gases decorrentes da queima de combustíveis fósseis, agravadores do "efeito estufa", pois a

diminuição das emissões nos países mais ricos poderá ser anulada com o seu crescimento nos países em processo de industrialização.

Outro fator que tem exercido pressão negativa sobre o meio ambiente e que tem crescido com a globalização da economia é o comércio internacional de produtos naturais, como madeiras nobres e derivados de animais. Este comércio tem provocado sérios danos ao meio ambiente e colocado em risco a preservação de ecossistemas inteiros. Em meio a todo este processo Sachs (1986), nos lembra que, “... o homem, quer queira quer não, depende da existência de uma natureza rica, complexa e equilibrada em torno de si. Ainda que ele se mantenha isolado em prédios de apartamento, os ecossistemas naturais continuam constituindo o seu meio ambiente”.

A existência de um mercado de dimensões globais, com poder aquisitivo elevado e gostos sofisticados, é responsável por boa parte do avanço da devastação das florestas tropicais e equatoriais na Malásia, Indonésia, África e, mais recentemente, na América do Sul. A tradicional medicina chinesa, em cuja clientela se incluem ricos de todo o mundo, estimula a caça de exemplares remanescentes de tigres, rinocerontes e outros animais em vias de extinção. Mercados globalizados facilitam o trânsito dessas mercadorias, cujos altos preços estimulam populações tradicionais a cometerem, inocentemente ou não, crimes contra a natureza

Na agricultura e na pecuária, a facilidade de importação e exportação pode levar ao uso, em países com legislação ambiental pouco restritiva ou fiscalização deficiente, de produtos químicos e técnicas lesivas ao meio ambiente, mas que proporcionam elevada produtividade a custos baixos. É o caso, por exemplo, de determinados agrotóxicos que, mesmo retirados de uso em países mais desenvolvidos, continuam a ser utilizados em países onde não existem sistemas eficientes de registro e controle. Os produtos agrícolas e pecuários fabricados graças a esses insumos irão concorrer deslealmente com a produção de outros países. “... pelo que sabemos, vivemos no único planeta verde do universo. E mesmo assim, estamos esgotando esta rica herança a um ritmo que empobrecerá a cobertura vegetal em pouquíssimo tempo. Já expandimos os desertos em dois terços de sua superfície e eliminamos um terço das florestas tropicais.” (Myers, 1986)

A medida mais eficaz para evitar ou minimizar os efeitos deletérios dessas e de outras conseqüências da globalização sobre o meio ambiente seria a adoção, por todos os países, de legislações ambientais com níveis equivalentes de exigências. O fortalecimento das instituições de meio ambiente, principalmente dos órgãos encarregados de implementar e manter o cumprimento das leis, é igualmente fundamental. Para isto, seriam necessárias, além de ações dos governos dos países em desenvolvimento, assistência econômica e técnica das nações mais ricas. Ferraz (1999) nos mostra a realidade da consciência da Amazônia com os problemas ambientais, “... com a mesma falta de cerimônia que um paulista abre a janela do carro e joga lixo na rua, os freqüentadores do Tarumã** colocam a mão fora de suas lanchas e jogam lixo na água – sacos, latinhas, restos. Os postos de gasolina flutuantes fazem ainda pior. Além do óleo que escapa para

Estas são preocupações expressas em vários documentos, como a Agenda 21, resultante da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992. No entanto, interesses econômicos imediatos, aliados ao grave problema do desemprego que hoje assola boa parte do mundo, têm dificultado o avanço de acordos e ações efetivas nesse sentido⁵.

A globalização da economia, pelo menos na fase de transição que impõe a todos os países, cria um contingente de mão-de-obra desativada, via eliminação de empregos em setores nos qual o país não consegue competir. O estímulo à mecanização da agricultura, dispensando mão-de-obra, por outro lado, acelera o êxodo rural. Essa massa de excluídos do processo de integração da economia acaba por provocar grave degradação ambiental, principalmente no ambiente urbano, criando invasões de áreas não urbanizadas e favelas. A degradação do ambiente urbano - destruição de atributos naturais, poluição da água, perturbações da segurança e da saúde pública, prejuízos na estética urbana, resulta na perda da qualidade de vida, tanto dos novos como dos antigos moradores urbanos. O ressurgimento de epidemias e endemias supostas extintas é um dos ângulos mais visíveis desta questão.

“...o homem tornou-se gradativamente menos dependente de padrões absoluto de conduta. ...As forças econômicas e sociais adquiriram o caráter de poder naturais cego que o homem, a fim de poder se preservar a si mesmo, deve dominar, ajustando-se a eles Como resultado final do processo, temos de um lado o eu, o ego abstrato esvaziado de toda substância, exceto da sua tentativa de transformar tudo no céu e na Terra em meios para sua preservação, e do outro lado uma natureza esvaziada e degradada a ser um simples material, simples substância a ser dominada, sem qualquer outro propósito do que esse de sua própria dominação”. Horkheimer (1976)

Para uma transição menos traumática para uma economia globalizada, a sociedade deveria estar disposta e preparada para prover condições mínimas de subsistência aos que, provisória ou definitivamente, não se adaptassem às novas condições de acesso ao mercado de trabalho globalizado. Seria o preço a pagar pela tranquilidade pública, por usufruir os benefícios materiais que a nova ordem econômica pode trazer àqueles mais aptos a obter os bens de consumo, o luxo, a comodidade e o conforto material que o sistema capitalista pode prover. Sem essa disposição da sociedade em dividir resultados, o meio ambiente como um todo sofrerá graves conseqüências, afetando profundamente nossas vidas e comprometendo o nosso futuro.

“ As novas tecnologias se generalizam na década de 1990 sob o impacto da internacionalização, caráter central do processo econômico recente. As mudanças tecnológicas influem diretamente na denominada globalização financeira, comercial e industrial. ... Essa integração induziu o predomínio dos fluxos internacionais de capital sobre as economias nacionais e o peso ascendente dos investimentos estrangeiros sobre os locais.” Katz(1995).

Mas a globalização da economia oferece também perspectivas positivas para o meio ambiente. Até pouco tempo era comum a manutenção, por empresas multinacionais, de tecnologias ultrapassadas em países mais pobres e com consumidores menos exigentes. A escala global de produção tem tornado desinteressante, sob o ponto de vista econômico, esta prática. É o caso, por exemplo, dos automóveis brasileiros. Enquanto a injeção eletrônica era equipamento comum na maior parte do mundo, por aqui fabricavam-se motores carburados, de baixa eficiência e com elevados índices de emissão de poluentes. Com a abertura do mercado brasileiro aos automóveis importados, ocorrida no início desta década, a indústria automobilística aqui instalada teve que se mover. Rapidamente passou-se a utilizar os mesmos motores e os mesmos modelos de carrocerias usadas nos países de origem das montadoras. É claro que isto causou impacto sobre a indústria nacional de autopeças, pois uma grande quantidade de componentes, principalmente os mais ligados à eletrônica, passaram a ser importados, o que antes não era possível, dado o caráter fechado que até então dominava o nosso mercado interno.

O mesmo efeito sentido na indústria automobilística estende-se a uma gama de outros produtos, como os eletrodomésticos. A globalização da produção industrial está levando à rápida substituição do CFC, em refrigeradores e aparelhos de ar condicionado, por gases que não afetam a camada de ozônio. Isto está ocorrendo em todos os países, pois não é interessante economicamente, a manutenção de linhas de produção de artigos diferenciados de acordo com os países que os vão receber.

Neste sentido, a capacidade dos Estados de definir políticas ambientais nacionais é reduzida pela globalização da cultura consumista, que resulta de uma dada visão de mundo, cuja mudança para atender às demandas da reconciliação entre economia e meio ambiente assume um caráter de mudança civilizacional. Como aborda Sachs (1986), “...a solução para o problema ambiental requer a passagem de uma “civilização de Ter” para uma “civilização do ser”. Nos organismos internacionais criados para tratar da problemática ambiental, a consciência da magnitude desse desafio é clara e se encontra expressa em documentos e declarações oficiais⁶, juntamente com as sugestões das políticas nacionais e internacionais, capazes de promover mudanças necessárias. Entretanto, como nota Sachs (1986), “... a profundidade das mudanças institucionais requeridas para enfrentar esse desafio em geral é mal aferida. Não são claramente as condições objetivas que permitiriam a execução de tais sugestões de políticas de desenvolvimento sustentável.”

É fundamental ter em conta que esse processo de conscientização ecológica representa um processo de formação de valores através da discussão pública, cuja transparência deve ser assegurada precisamente por essa crescente participação de uma pluralidade de instituições governamentais, representando o mais amplo espectro possível de interesses. Como assinala

Sachs (1986), "...este é um tipo de processo em que a racionalidade do comportamento individual é uma componente integral das decisões sociais racionais.

Conclusão:

A globalização tem se mostrado um fenômeno assolado a modernidade, ao modo de vida e aos hábitos de consumo de parcela significativa da população, assim como às necessidades crescentes de expansão do capital.

Este último, em sua escalada geométrica, se apropria do trabalho e dos recursos naturais cada vez mais vorazmente, principalmente naqueles países com instituições mais frágeis e economicamente menos desenvolvidos, incapazes de fazer frente a sua expansão e às grandes corporações.

O meio ambiente fonte primária de recursos e depósito final de todos os rejeitos acaba sofrendo um processo contínuo de degradação, seja pela exploração irracional de seus recursos e utilização intensiva de produtos químicos, seja pela falta de alternativas de um enorme contingente de desvalidos, aliados das benesses da sociedade, que acaba em favelas, ocupando encostas, córregos, mangues e outros locais impróprios.

Assim, solução para o problema ambiental dentro de uma sociedade globalizada, passa por um desafio incomensurável, que implica mudanças significativas no meio social, passando de uma "civilização do ter", para uma "civilização de ser", de uma expansão irracional do capital, para um desenvolvimento sustentável, do excluir para incluí-lo, tanto o homem na sociedade como no meio natural do qual é parte integrante.

Bibliografia:

CORSON, Walter H. **O que pode fazer a respeito da crise do meio ambiente. Manual global de ecologia.** São Paulo: Augustus, 1993.

FERRAZ, Patrícia. **Acredite: esta é uma cena amazônica.** Jornal da Tader, 24 jan. 1999.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão:** tradução de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro, Editora Labor do Brasil, 1976.

IANNI, Octavio. Globalização e diversidade, in L. Ferreira, E. Viola (orgs), **Incertezas de sustentabilidade na globalização.** Campinas: Unicamp, 1996.

KURZ, Robert. **O colapso da modernidade: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial:** tradução de Karen Elsabe Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**; tradução de Raul Fiker. São Paulo, Editora UNESP, 1991.

MYERS, Norman. **La evolución em crisis. Atlas de la gestión del planeta**: tradução de Sueli Angelo Furlan. Barcelona: Blume, 1987.

PROJETO Meio Ambiente e Cidadania. **Conflitos ambientais no Brasil: natureza para todos ou somente para alguns?**. Rio de Janeiro: Ibase, 1997.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento. Crescer sem destruir**. São Paulo: Editora Vértice, 1986.

_____. **Estratégias de transição para o século XXI**. São Paulo: Nobel Ed./ Fundap., 1993.

NO RITMO DAS ÁGUAS

Nara Eliana Miller Serra²

RESUMO: O texto apresenta uma faceta do universo e da cultura das populações tradicionais ribeirinhas, quando têm nas águas todo o significado e o fundamento de seu cotidiano. Apresenta ainda, sob forma vivenciada algumas tramas do tecido que se está preparando para o trabalho mais intenso da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: As águas- tempo e espaço – ribeirinhas

ABSTRACT: The text presents a facet of the universe and of the culture of the riverine traditional populations, when they have completely in the waters the meaning and the foundation of your daily one. He/she/you still presents, under lived form some plots of the fabric that one are preparing for the most intense work of the research.

KEYWORD: The waters - time and space - riversides

Introdução

Quando o sol está para se esconder, ou a perder-se no horizonte, o caboclo lança seu olhar naquela direção, indo buscar outros mundos. É o refletir dos últimos raios do sol no rio, qual feixes dourados a colorir aquela água caudalosa, denunciando a chegada da noite. Ali, sentado projeta uma viagem imaginária revendo ou repassando seus dias, os vividos e certamente os que virão. Mas todos, estarão escritos ou sublinhados pelo ritmo das águas.

Os rios para os ribeirinhos são as fontes de sua energia. Deles, retiram o alimento, fazem o seu trajeto de trabalho, de fé, de alegria e também de tristeza. É das águas que nascem os mitos, as histórias de amor e a essência do viver de uma população que tem sua grandiosidade expressa no seu misticismo e na sua crença.

Para compreender e trilhar esses caminhos, enquanto pesquisador, temos que vivenciar todos os movimentos possíveis, para , livre de conceitos e pré-conceitos possamos efetuar uma leitura verdadeira, sob um olhar humano e diferenciado.

² Aluna do Mestrado em Desenvolvimento Regional e pesquisadora do Projeto Beradão

Da viagem

É noite, e a bordo do barco “Deus é Amor” o trançado de redes forma um multicolorido alternando suas cores entre as redes amarradas um pouco acima e as que ficam um pouco a baixo. Mais pessoas vai chegando e procurando lugar para sua rede armar, e mais outra, até que todos encontram um “cantinho” para se acomodar. São quase meia noite, hora de sairmos. O grupo parece completo, e animado se põem a conversar, a trocarem abraços, a formarem pequenos grupos enquanto outros, parecem estar conversando assunto sério.

Alguém exclama: “Tá na hora!” ao que outro retruca: “Calma, falta o fulano.. .” Será que ele vem, pergunta um terceiro; Vamos conferir o pessoal! “Quem está faltando?”, pergunta um recém-chegado; e aí, a chamada é feita, alguém que estava não está mais... enfim, depois de várias conferências... conseguimos zarpar. Rio abaixo, a conversa ganha espaço. Um grupo junta-se para contar história da sala de aula, outro, resolve jogar uma partida de baralho; outro mais, conversa seriamente, enquanto o restante, cansado do trabalho semanal, vai dormir. Lá pelas tantas, só o barulho do motor associado a algum “ronco” perdido na madrugada, ressoam na mansidão do rio... Todos dormem.

Às primeiras horas do dia, lá estamos nós, pesquisadores, professores, alunos e convidados ancorados nos barrancos do rio madeira, se estiver no período da seca, se , no período das chuvas, atracamos no lago, dentro da comunidade de Nazaré.

Dia bonito! Dia chuvoso! Não importa. Temos muitos a fazer. Caso tenha um participante novato, este no horário do café da manhã, deverá fazer um breve discurso enfatizando o seu objetivo no projeto. Chamamos essa brincadeira de “batizado” de calouro.

Cada coordenador de linha reúne-se com seu grupo e planeja a realização de sua atividades quanto a horário, utilização de voadeira, quem vai visitar quem... enfim, definição dos trabalhos. Assim, uns vão de voadeira, outros cruzam o lago de canoa, enquanto os demais se espalham pela comunidade.

Findo o dia, após o jantar, é o momento das conversas e da avaliação do dia. Também momento de lazer e de descontração. Normalmente a Comunidade promove algum evento. Um bingo para ajudar a igreja, um forró para os visitantes, enfim, sempre acontece alguma atividade por conta de nossa estada naquele local.

A relação das águas com o tempo e o espaço

Foi numa dessas viagens ao encontro daquela comunidade, do “prosear”, vivenciar e conhecer algumas pessoas interessantes que originou este trabalho, cuja pretensão é de falar de um pequeno contexto dentro do universo daquela população, que é a *influência das águas* no cotidiano daquelas pessoas.

Parece estranho falar em influência das águas, pois vivem às margens de rios e lagos. Mas, são os rios e seus ciclos de água que são incorporados fundamentalmente influenciando e determinando a vida da comunidade ribeirinha, ou dos beradeiros, como são conhecidos. Nesse período que vai de outubro a março, as chuvas são constantes, pesadas, torrenciais, provocando o transbordamento das águas tanto dos rios quanto dos lagos, e, nas grandes enchentes, o rio sobe até às casas. Algumas são inundadas, outras, ficam com a água sob o assoalho. Todo deslocamento é feito de canoa, a plantação ao redor da casa e do quintal desaparece, e os animais domésticos quando não morrem, ficam trepados em girais, espécie de assoalhos suspenso, utilizado também como local onde se lavam as louças.

Alguns moradores, já prevendo que as águas possam chegar até à sua casa, mudam-se para outro local, chamado por eles de “terra firme”.

É no período das chuvas que o rio desbarranca, levando árvores, plantações, casas, criações, enfim, tudo que se encontrar às suas margens. Tempo perigoso para se navegar. O Rio com suas águas caudalosas invadindo às terras, é corredor por onde descem grande quantidade de árvores, troncos imensos, que são levados rio abaixo, calmamente..., lentamente.... parecendo estarem se deslocando por vontade própria para algum lugar, sabe-se lá para onde... Aliás, é por esta razão que o rio recebeu este nome: Rio madeira.

O tempo das águas para o caboclo, é o tempo do recolhimento, do aconchego da família, do “caldo do peixe quentinho”, da conversa dos compadres relembrando outras épocas, outras enchentes... das cobras que foram encontradas, do “peixão” que o compadre físgou da janela de sua casa.... é o espaço para as estórias de pescador, de lembrar dos que já se foram, dos que e mudaram; É o desabrochar das reminiscências.

Ali, o tempo e o espaço quase se confundem pela presença das águas. Quando o tempo determina, o espaço se refaz, se modifica, se molda, se adapta. “não há uma lei, um conceito-chave capaz de fornecer a essência da realidade na sucessão dos tempos. (JAPIASSU:1994.57)”.

O tempo se transforma e transforma também a vida de todos. Do movimento diário a uma nova atividade; Tudo passa a ser comandado, determinado pelo ritmo das águas. Se chover, não tem trabalho na lavoura, não tem farinhada, nem pescaria; É possível que nem aula tenha. Loureiro em seu interessante trabalho **Cultura Amazônica. Uma poética do imaginário** nos faz compreender esse misto tempo/espaço, quando nos diz que:

“ A Amazônia parece ser um grande signo modulado pelo tempo. Preocupação permanente, o tempo parece ocupar lugar do próprio espaço. Traduz uma forma de existência profunda ligada ao sentido de origem perene das coisas. Para viajar, para plantar, para pescar e coletar, para nascer e morrer, o tempo serve de referência, enquanto que o espaço torna-se difuso. O homem sente-se situado em um espaço, do qual delimita, serve de referência e integra todas as coisas”.(1995:95)

Para entender as manifestações desse universo, “devemos iniciar a nossa investigação na posse do conhecimento que nos foi facultado de antemão pela observação direta para tentar chegar em seguida, subindo progressivamente, até as primeiras causas e os elementos mais simples dos acontecimentos em curso” (CASSIRER,1994:83)

Na observação, na convivência e na troca de informações entende-se a preocupação e a responsabilidade do pesquisador. Identificar a metodologia que melhor se aplica é uma tarefa não muito fácil de ser determinada, porque as circunstâncias da experimentação às vezes podem nos causar surpresas, e devemos estar imbuídos de conhecimentos teóricos suficientes, para buscar a melhor forma de trabalhar determinados comportamentos.

É necessário estar atento pois a simples descrição de atos e ocorrências não traduzem o desejo de conhecer o ser humano, seu comportamento e a sua relação mais próxima com o seu meio e às demais pessoas. Também é de substancial necessidade, conhecer e compreender a cultura local “pois nela, cada povo tem sua maneira própria de realizar de forma original a experiência universal da vida, não só no conjunto das diferentes atitudes do indivíduo ou do grupo, como no âmbito das circunstâncias humanas que os envolvem”.(op.cit: 102)

Os ribeirinhos, têm nas águas à sua inspiração de vida. É dela que extrai o sustento; é através dela que em sua canoa navega horas a fio em busca de alimento, que se desloca para a lavoura, para os festejos religiosos, para o jogos de futebol, para buscar a benzedeira, a parteira que trará ao mundo um novo ser, e, algumas vezes, é nas águas que fazem a sua última viagem.

O rio permite ao beradeiro o ato da contemplação. É comum nos barrancos, ao longo das margens do rio madeira, encontrar bancos ou grandes toras de madeiras, onde o caboclo senta para apreciar o rio, conversar com os compadres. Outras vezes, de cócoras, cigarro no canto da boca, olha aquelas águas tranqüilas e barrentas tão concentradamente que parece estar numa viagem imaginária, sem tempo para voltar, tamanho é o seu devaneio. Loureiro, novamente nos pincela de matizes especiais, a tradução desse gesto:

“Para o nativo da Amazônia, a contemplação é um estado de sua existência. O princípio e o fim de suas relações com a vida cotidiana e a raiz de suas peculiaridades de expressão. Evidentemente que não é uma contemplação de caráter teológico ou místico, mas uma contemplação que é a extensão da humanidade e geradora de humanismo. É uma contemplação que estabelece o equilíbrio de limite e grandeza do homem com a natureza. Diante dessa natureza magnífica e desmedida, ele a dimensiona segundo as medidas de sua humanidade. Confere à natureza uma dimensão espiritual povoando-a de mitos, recobrando-a de superstições, destacando-lhe a emotividade sensível, tornando-a lugar do ser, materializado nela sua criatividade, ultrapassando sua contingência na medida em que faz dela um lugar de transcendência”(op.cit:195)

Talvez pelo ato do cismar, o beradeiro tenha na sua essência o dom da paciência, da tolerância, até à sua fala é calma. Ele não tem pressa. Desconhece o corre-corre do urbano, o aprisionamento do relógio e a agonia do passar das horas de quem têm muitos a fazer em tão

pouco tempo. Vive em consonância com a natureza, beneficiado pelo calor do sol, ou pelo acariciar dos ventos, ou ainda, pela maravilha das chuvas. A sua herança ancestral concedeu-lhe viver sem acumulação, sem ambição e sem contar com o dia seguinte, transformando o dia de hoje em dádiva que merece apenas se vivida.

Conhecendo algumas características, entendemos por que “ o homem é um animal amarrado as sua teias de significados que ele mesmo teceu” (GREERTZ,1992:15). Assim é que temos nas populações tradicionais do baixo madeira, um campo precioso de estudo, onde os mitos se confundem com o religioso, que por sua vez, se mantém vivo graças à passagem de ritos que vão de pai para filho.

Essa continuidade centrada na cultura, é pontilhada de descontinuidades na existência de uma população também amazônica guiado pela memória que ainda acreditam e personificam seus mitos. “Procuram explicar o que não conhecem, descobrindo o mundo pelo estranhamento, alimentando o desejo de conhecer e desvendar o sentido das coisas ao seu redor”. (op.cit104)

O caboclo viaja observando, estudando, e conhecendo cada sinal que a natureza indica; Ele os decifra de acordo com a sabedoria adquirida, dizendo quando vai ter uma tempestade, uma ventania, um mal tempo para plantar, viajar, seja de dia ou de noite. Daí, diz-se que o caboclo conhece a “ciência” da natureza e das coisas, pelo modo de ver, compreender e vivenciar os mistérios dos astros, do canto dos pássaros, da sutileza das árvores e principalmente, da manifestação das águas.

É a cultura que se faz ciência sob o olhar caboclo que explica os acontecidos. Raimundo Neves de Almeida, caboclo amazonense, em seu livro NA BEIRA DO BARRRANCO, estórias-crendices – sentimentos e humor de caboclos do madeira, nos conta com detalhes aspectos da sabedoria popular, em seu conto intitulado:

As enchentes do Rio e as previsões caboclas

Quando o rio dá sinal de enchente, os caboclos preocupam-se em procurar saber entre eles se ela vai ser grande ou não. Pois as enchentes são fatores marcantes em suas vidas, pelos benefícios e prejuízos que podem causar. De modo que logo que aparecem os primeiros repiquetes, este é o assunto de quase todos os bate-papos, nas rodadas do luar, nos serões e principalmente nas noites de velório.

Foi exatamente num velório, lá no lugar Esperança, isso no fim do ano de 1982, quando já começava a enchente do período 1982 a 1983, que ouvi e cheguei mesmo a tomar parte numa conversa sobre a enchente, que já começava a alagar as margens do rio, deixando os caboclos numa expectativa tremenda, divergindo cada um nas suas esperanças conforme as suas necessidades. Alguns torciam para que as águas subissem muito e alagassem as restinga, para

que eles pudessem arrastar até às margens, as tóras que haviam cortado para as jangadas. Outros, pelo contrário, desejavam que a enchente fosse pequena, pensando no seu barraco, nas suas criações e nas plantações.

Foi aí que ouvi de alguns caboclos mais idosos e já mais entendidos, algumas explicações que previam, que a enchente daquele ano seria uma das maiores dos últimos anos. Vejamos o que disseram alguns deles: O seu Sebastião, chamando a atenção de todos disse: Se preparem que este ano as águas irão alagar tudo, pois observei que no dia primeiro de janeiro, as Sete-Estrelas estavam bem altas no céu, lá na altura do meio dia, e isto é sinal de água com abundância.

Disse o seu Galdino: Estou certo disso, pois tenho observado lá no igapó que as canoas das abacabeiras e joarís só caem de boca pra cima.

Acrescentou o seu Rogério: Eu também já ouvi o gavião caoré cantar na lua cheia e quando ele canta nessa lua é enchente grande na certa.

O seu Josias falou ainda: E eu pesei a água do dia trinta e um de dezembro, e no dia primeiro de janeiro, e esta era muito mais pesada que aquela. Dizem que quando isso acontece a enchente vai ser grande.

E o resultado foi realmente assustador, o rio encheu muito além do que costumava encher. As restingas, mesmos as mais altas foram ao fundo, morrendo muitos animais selvagens que buscaram nas restingas altas o seu abrigo durante as cheias. Muitas casas desapareceram dentro D'água. As águas mataram todos os animais domésticos e as plantações, de modo que a maioria dos caboclos, moradores nas margens do rio madeira e seus afluentes correram para as cidades vizinhas, buscando abrigo e procurando recurso para sobreviverem o que contribuiu mais ainda para o despovoamento das áreas rurais nas margens dos rios. Desta forma, fiquei muito mais consciente de que o caboclo na sua tranqüilidade observa e compreende os fenômenos da natureza, não podendo, entretanto, livrar-se de suas calamidades por falta de recursos financeiros e sociais” (1987:p.112). Nesse momento, em que concentramos o olhar diferenciado para o viver sob a influência das águas, percebemos que há muito que apreender e vivenciar com essa gente; A sua linguagem, a forma de produção, suas narrativas míticas, suas crenças e credices, aspectos sociais, culturais diversos, organização familiar, social e demais componentes de sua estruturação.

“O ser ribeirinho está caracterizado por uma concepção de natureza diferente, por integrar em seu modo de vida os elementos essenciais disponíveis; As águas e as matas, e destes elementos estabelecer sua estratégia de sobrevivência, seus valores éticos, estéticos, seus sonhos”. (SILVA, SOUZA FILHO,2002:23)

Certa tarde, estava eu sentada em um daqueles bancos de madeira, observando o brilho do sol refletindo nas águas do rio madeira, uma mamãe boto que mergulhava com seu filhote a fazer pirueta no ar, arte que ainda não tinha visto antes, quando se aproximava uma pequena canoa que deslizava suavemente rio acima. Nela, estava uma senhora na proa a remar, enquanto no centro da canoa, três crianças.

Um menino com aproximadamente dois anos de idade, uma menina de seis anos mais ou menos, pequena, franzina a segurar em seus braços um bebê de uns oito meses, esperto, o bebê inquieto nos braços daquela criança, parecia que ia saltar para fora da canoa, pois a pequena mal conseguia segurá-lo. No balançar da canoa pelo banzeiro, a impressão que tive é que aquele nené ia cair na água.

Quando vi aquela cena, fiquei ansiosa e exclamei: Meu Deus ! esse pequeno vai cair no rio! Meu coração disparou vendo aquela cena. A mãe, tranqüilamente remava sua canoa com apenas quatro dedos fora d'água, ali calmamente, como se estivesse no lugar mais seguro do mundo. Ao encostar-se ao barranco, a menina mal podia carregar o bebê. Desci rapidamente, peguei-o ao colo e subimos o barranco. A mãe trazia o outro menor no colo. Falei do meu susto e disse àquela mãe que tivesse cuidado, pois a menina era muito pequena... o rio estava muito.... A mãe olhou-me e sorriu, dizendo: "Eles estão acostumados".

"Assim como não nos banhamos jamais no mesmo rio, da mesma forma a vida humana e social é extremamente rica de acontecimento, exigindo de nós novas descobertas e novas hipóteses" (op.cit). p.59)

Essas descobertas, nos leva até **Malinowski** em Os Argonautas do Pacífico Ocidental, grande obra etnográfica, onde sua característica principal foi a preocupação em considerar a complexidade da natureza humana, observando o ser humano em sua totalidade, entendendo-o como ser dotado de sentimentos, paixões e razões, colocando todo seu esforço para a compreensão do comportamento e do emocional humano, a partir da realidade concreta, vivenciada e experimentada. Tanto que FRAZER, ao tecer o prefácio comenta: "Ele estava bem munido tanto de conhecimentos teóricos quanto para a experiência prática para a tarefa a que se propôs...Dr. Malinowski viveu durante muitos meses a fio como nativo entre os nativos."

Tal afirmação nos conduz à conclusão que o trabalho de campo é um método notavelmente sensível, onde somente a vivência poderá permitir interpretar as estruturas complexas, o distanciamento dos contextos culturais, onde a polifonia deverá ser privilegiada.

E, segundo CALDAS (1999:112) Interpretar não é *explicar*, mas desejar o desejo de quem falou, desdobrar, tirar da pobreza somente luz ou somente sombra. Não é *tirar o que está dentro* ou *expor o que está fora*, mas *por em diálogo*; encontrar o movimento e os movimentos. *É por em movimento*; delinear a sutileza das sombras, multiplicá-las e multiplicar as densidades; fazer brigar a diferenças e recusar as igualdades; dizer o que não está dito ou sequer pretendido. Buscar um

encontro, fazendo dialogar a diferença pela diferença, criando um campo de vivência e de superação”

No deslizar suave do conhecimento sobre as águas da experimentação, vivenciaremos outros aspectos do viver ribeirinho, do sonhar caboclo.

O tempo das águas passa... vem a estiagem. A enchente vai, mas deixa um solo fértil para recompensar o caboclo pelos danos que lhes causou. Agora ele pode plantar nas chamadas terras de várzea, e a colheita certamente será proveitosa.

Conclusão

Para compreender o universo das populações ribeirinhas, temos que efetivamente mergulhar naquele local, no sentido de buscar respostas às nossas indagações, conhecer literaturas que falam dessa população, e, ter um olhar diferenciado no vivenciar do cotidiano, “um desdobrar e um projetar interioridade sociais sendo instaurado como algo a ser conhecido ou reconhecendo esse mesmo conhecido... principalmente porque sua instauração se dá dentro de redes culturais e seu exercício é sempre propostas dessas mesmas redes... não se vê biologicamente, mas no fluxo vivo da comunidade; quem vê não é o olho, mas um cérebro devidamente socializado” (CALDAS,1999:105)

Finalmente, entendemos que, como pesquisador, é necessário se desprover de alguns pré-conceitos, de algumas valorações de nossa sociedade capitalista e buscar a compreensão na simplicidade, na cultura e nos mitos que fundamentam os sentimentos e a vida daquela população.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R. de Almeida. **Na Beira do Barranco. Estórias – crendices – sentimentos e humor de caboclos do madeira.** Porto Velho :Gênese Ltda, 1987

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade. Texto e história. Para Ler a História Oral.** São Paulo: Loyola. 1999

CASSIRER, Ernst. **A Filosofia do Iluminismo.** São Paulo: Unicampo, 1994

CEMIN, Arneide Bandeira. **Colonização e Natureza. Análise da Relação Social do Homem com a Natureza na Colonização Agrícola em Rondônia.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. 1992

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado. Pesquisa de Antropologia Política.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro. LTC, 1989

JAPIASSU, HILTON. **Introdução às Ciências Humanas.** São Paulo: Letras & Letras, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo. Papyrus, 1962

LOUREIRO, J. Jesus Paes. **Cultura Amazônica. Uma Poética do Imaginário**. Belém: CEJUP, 1995

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril, 1978.

PRITCHARD, E.E.Evans. **OS Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

SILVA, j. da Costa e SOUZA FILHO, T. Alves. **O Viver Ribeirinho. Do Livro nos Banzeiros do Rio**. Porto Velho: EDUFRO, 2002

**A IDENTIDADE NO ESPAÇO:
EXPERIÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO EM
Evocação do Recife, de Manuel Bandeira**

Maria Elizabete Sanches³

Eduardo Martins⁴

RESUMO: Este artigo discute o processo de criação da Identidade do discurso na obra de Manuel Bandeira a partir dos elementos de sua experiência espacial, bem como procura demonstrar o meio pelo qual esta experiência se transforma em matéria singular de tensão lírica.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Espaço; Ser; Discurso; Criação.

ABSTRACT: This article debates about the creation process and speech identity of Manuel Bandeira's work, starting from elements of his space experience, it also demonstrates how this experience has been transformed into singular lyric tension.

KEYWORD: Identity; Space; Being; Speech; Creation.

A Literatura Brasileira em raros momentos encontrou ambiente tão propício para a revelação da experiência íntima do espaço, como o que se circunscreve na obra lírica de Manuel Bandeira.

Remanescente de uma procura silenciosa e solitária, mas também dependente do cotidiano, a obra de Manuel Bandeira coloca-se sobre a égide de reflexões básicas para formação do homem a partir do espaço em que está inserido, como bem observou Davi Arrigucci no famoso ensaio *Humildade, paixão e morte* (2000).

Aí se resgata o problema da identidade no texto, presença e ausência de marcas individuais do criador; sinceridade e fingimento, que alheios à formação de quem lê, atribuem ao texto poético o seu papel de lacuna entre o que se diz e o indizível, colocando-se como um presente eterno para o mundo coloquial, real, e o olhar de permanente futuro da linguagem da grande criação.

³ Professora de Literatura Brasileira. do Departamento de Letras: Língua Vernácula da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR / Especialista em psicopedagogia/ UNIR

⁴ Professor Assistente do Departamento de Letras: Língua Vernácula da Fundação Universidade Federal de Rondônia /UNIR e Mestre em Teoria Literária pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Yudith Rosenbaum pode perceber esta posição no poeta quando intitulou seu estudo sobre a obra de Bandeira, como *Uma poesia da ausência* (1993). A atitude pretende trazer à discussão uma poética da ausência, revelada muito mais no desejo de negação de uma suposta presença, do que na constituição da mesma.

A distância: o perto e o longe, o esférico, o indizível, a presença e a ausência, a lembrança e o esquecimento funcionam como pilares dialéticos de uma experiência que comunga, como bem atentou o professor Aguinaldo José Gonçalves, no prefácio ao estudo de Yudith, o universo dialético entre o objeto real e a criação.

Sim. A ausência que o poeta vê espelhada em si mesmo, a falta que se consolida pela fragilidade do corpo e pelas enormes lacunas de desejo expostas como síndrome de cunho emocional na experiência diária do autor de *Pasárgada*.

O resgate da existência se dá, portanto, pela construção de uma linguagem, o suplemento que nas palavras de Jaques Derrida funciona como “origem obliterada da ausência e da presença” e que “já está implicado no pensamento da diferencia” (São Paulo, 1993)

De um lado a experiência factual, ou seja, o real dizível, cultural, e de outro, a experiência do que poderia ser e não é, o intransitivo ou indizível, aquilo que para o poeta era iniludível. A morte do real como condição para o nascimento e a construção da experiência poética, a identidade do eu.

É sobre esta identidade inserida como elemento construtor de um espaço circunsférico, dominador das evidências de formação do ser, que vamos procurar limitar as nossas observações, trazendo à discussão um dos textos mais lidos e estudados do autor, o *Evocação do Recife*, este o grande desafio.

O espaço sempre motivou o registro em nossa lembrança das experiências mais íntimas de nosso ser. É dele que extraímos as reminiscências mais fortes de nossa experiência no mundo sensitivo, vinculadas diretamente a uma situação emocionalmente definida. Mesmo a discussão sobre a presença ou a ausência do escritor, naquilo que produz como arte, considera o espaço do texto poético, seus limites de expressão, sua construção.

Em muitos casos o nascimento da obra inicia com a plena negação do escritor no universo do real e sua afirmação plena como elemento partícipe da criação de uma nova linguagem: a recriação do que temos como língua. Este processo reafirma a necessidade da morte da linguagem formal para o surgimento da experiência da linguagem poética.

Por isso mesmo, reconhecer que as particularidades de um determinado estilo vinculam-se unicamente ao processo de criação da obra desmantela-se por causa do conjunto das experiências do criador face ao mundo e sua dinâmica: a linguagem não nasce do nada e a ela se incorporam os elementos culturais que a formam advindos destas experiências, colocando-se aí, ela como tal.

A intransitividade do discurso poético surge como possibilidade do encastelamento do espaço entre o dito e o não dito, a presença e a ausência da identidade como expectativa da delimitação das esferas do real e do literário. O signo poético, notadamente, se coloca sempre em substituição a uma experiência da coisa em si. A essência da atividade poética implica a reorganização da presença do eu em sua dimensão maior.

Dáí ter-se que o conjunto componente da cosmovisão do autor implica na constituição do fingimento poético, como condição *sine qua non* para o surgimento da nova verdade que se instala no texto e limite da lacuna entre o real e o ideal: a mimese que se coloca como questão desde os estudos elaborados pelos gregos, precisamente em Aristóteles e Platão.

A negação completa das forças circunstanciais motivadoras da construção do discurso poético parece direcionar a discussão para o vazio ou, no mínimo, reduzir a arte literária a estéril processo formal ,como queriam os parnasianos, alheio ao que o homem tem de mais característico em sua essência: a sua formação.

Em Bandeira, não são poucos os momentos em que o componente biográfico propicia a chamada elaboração da identidade poética e, no *Evocação* , isto se dá de forma nitidamente mais acentuada que em qualquer um dos seus outros textos, principalmente porque aqui a relação de dependência com um espaço identificado, geográfica e emocionalmente pelo ser ,recupera, pela memória involuntária,os traços de formação de sua experiência mais íntima.

A dupla face parece se consolidar no mesmo jogo em que as cartas estabelecem situações opostas, mas justapostas, entre a experiência natural e o trabalho do poeta que artesanalmente justifica o seu anseio criador. A tensão entre o imaginário e o factual parece propiciar a transição da identidade que se coloca como elemento fronteiro deste processo.

Desta forma, a realidade e a imagem apontam para o trajeto percorrido pelas forças motivadoras da criação e esta, acentuando como marca a exclusão do geral em benefício do particular, como se pode observar pelo uso recorrente da negação nos primeiros versos do poema.

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois-

Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância

O Poeta delimita, dentro do macroespaço, o microespaço do ser, corre do geral em direção ao particular, do visível ao invisível que se coloca na memória através das reminiscências da infância. À experiência do que peculiarmente no espaço é reconhecido por todos, se contrapõe a singularidade das emoções do eu. A Veneza americana, o Recife dos Mascates e o das revoluções libertárias é compartilhado como objeto comum, que não se justifica na evocação das vivências mais íntimas recuperadas pela memória individual: o Recife da infância, sem história nem literatura, singular, porque produto de uma experiência individual.

Sujeito, o espaço geograficamente definido, contrariando os princípios da lógica, avança do particular rumo ao universal, constituindo-se expressão dimensionadora, fazendo brotar os meandros de três espaços distintos: o do poeta, o do espaço exterior e o espaço poético. Neste desenvolve-se a universalização da experiência do indivíduo que resgata em outros espaços menores a sua projeção: os bairros, as ruas, as casas, a particularizada casa do avô. Temos o movimento do geral para o particular. O Recife isolado no início do texto é redesenhado de forma caótica, pelo que revela enquanto resgate da memória.

Assim o movimento do poema passa a traduzir o paradoxo que se instala no contraditório universo da proximidade e da distância, da presença e da ausência, no que flui do geral para o particular, mas que se universaliza neste.

O passado da experiência enobrece o universo poético, atemporal, ou sem passado, como diz Gaston Bachelard (1998, p. 01). Os fatos do cotidiano ressurgem de maneira singela, apontando para cenas singulares em que os seres herdados da experiência, Aninha Viegas e Totônio Rodrigues, parecem compor o universo íntimo do sujeito.

A alternância de versos curtos e longos sugere a imprecisão dos fatos recordados. A atmosfera é familiar ao eu que procede ao reconhecimento do espaço experimentado como suporte para criação do espaço poético. A proximidade ou a distância desenha a presença ou a ausência do eu em relação à imagem construída:

À distância as vozes macias das meninas politonavam:

Roseira dá-me uma rosa
Craveiro dá-me um botão
(Dessas rosas muita rosa
Terá morrido em botão...)
De repente
Nos longes da noite
Um sino

Os anônimos se confundem com os nomeados de forma a consolidar a dimensão caótica com que fluem da memória involuntária: Ao singelo e primeiro alumbramento pela visão da moça nuinha no banho se contrapõe imediatamente a força das cheias que transformam o ritmo do poema e do rio. A força recria os fatos, arrancando-os dos espaços mais íntimos e subjetivos do universo da criação, para em seguida amansar na imagem da menina que começa a passar as mãos pelos cabelos. O Capibaribe/Cabiberibe além do som abemolado, identificado por Arrigucci (2000, p. 171) remete a relação do Capibaribe com o Beberibe criando a imagem lírica recortada. A poeticidade se dá por meio de situações triviais, rasgadas do cotidiano, tão condenado pelas correntes do passado. A fala do brasileiro estampada nos discursos dos pregões:

Me lembro de todos os pregões:

Ovos frescos e baratos

Dez ovos por uma pataca

Foi há muito tempo...

O Eu enfatiza a distância e por isso as vozes lhe chegam de forma embaralhada, como ecos que remetem ao sem fim da relação espaço físico com espaço poético. As terras que não conhecia bem, as coisas que não entendia, o Recife, que parece encerrar a face do desconhecido e o reconhecimento do topo. A consagração da casa do avô que se modaliza no uso do verbo parecer e se estende à conclusão de que tudo passa e, mesmo o elemento concreto tem seu fim.

Recife...

Rua da união...

A casa de meu avô

Nunca pensei que ela acabasse!

Tudo lá parecia impregnado de eternidade

As velhas recordações se consolidam nas figuras que lhe parecem encerradas: O Recife bom, o Recife morto, o Recife brasileiro como a casa do avô. A similaridade se consolida para clarear a dúvida gerada pela fragilidade da memória. O texto divide-se entre os momentos de certezas e incertezas provocados pelas imagens. As seqüências oscilam entre ritmos leves e fortes, de sons agudos e graves, como o longe do sino, construindo a dúvida que se espalha no seguimento posterior. Os anônimos representam a dúvida, os nomeados a certeza:

Uma pessoa grande dizia:

Fogo em Santo Antônio!

Outra contrariava: São José!

As reminiscências se alongam, não para constituírem-se mera extensão autobiográfica, mas para consolidar um espaço poético que transcende ao Recife, identificado nos primeiros versos. A desconstrução da sintaxe remete aos flechas sucessivos da memória do sujeito poético, paradoxalmente construindo-lhe a identidade. A presença se instala no campo metafórico das diversas cenas projetadas. Os dois Recifes, um conhecido pelas pessoas e um outro particularizado pelo eu, criam a lacuna em que Bandeira situa o poético: entre a realidade e a imagem, sombreando o campo em que se consolida sua poética, ou a função poética da linguagem, capaz de transformar o espaço externo ao eu em sua dimensão mais íntima.

Os órgãos dos sentidos são chamados a construir o cenário e a atuarem como testemunhos do redemoinho de sensações táteis, auditivas, visuais, de forma lúdica, num jogo que não tem fim e que aparece representado pelas inúmeras reticências, imprimindo ao texto a dúvida que se transfere ao leitor, marcando a cadência das cenas.

Como em Rilke, a ausência vai caracterizar a essência das coisas, na intimidade do ser-coisa, na transmutação do tempo que se desvincula da idéia de espaço. Bandeira constrói seu ambiente íntimo na esfera do real, do exterior ao ser, nos espaços reveladores de sua expressão poética mais lírica.

Esse movimento, pura contradição, une-se a representação do macroespaço para constituir-se no alicerce de uma identidade que se dilui por meio de uma sensação de mundo à distância, como se o eu estivesse vivendo sempre o instante final, ou como se a vida lhe pudesse estar sobre ameaça constante, diluindo-se, afastando-se da memória e escapando-lhe em direção ao desconhecido.

A vida como uma porção de coisas que eu não entendia bem

Terras que eu não sabia onde ficavam

A existência melancólica do poeta constrói a experiência saudosista do poema, essência de quem buscou viver os instantes com a intensidade comum com que se pretende viver o último momento. A necessidade de sentir-se dentro de um espaço que pudesse confortar a ausência de um sopro de vida, fazendo eco na memória pela recordação do instante sublime que antecede a adolescência de saúde problemática: a infância.

Assim cria-se, em Bandeira, a tendência que Arrigucci Júnior chama de espacialização da obra, em que se estabelece a tensão permanente entre o processo de criação poética e a espontaneidade dos motivos, a complexidade do ser e a simplicidade da forma.

Por isso, o final do texto redimensiona o espaço como pura essência, reveladora de uma emoção visivelmente particularizada, presente apenas na memória, dissociada de qualquer instante referencial e suporte da identidade do ser.

Como frisamos no início desse trabalho, nossas observações resumiram-se a um único texto, mas é salutar registrar que a questão não se esgota por aí e se estende por muitos outros textos da obra do poeta. Pois, se a *Evocação* assume a dianteira entre os poemas em que melhor se coloca o problema da identidade em relação ao espaço, não resta dúvida que este norteia o processo de construção da obra.

A singela posição do eu, no ambiente poeticamente criado, aponta para uma direção ainda não invocada pela crítica e que pode propiciar novas leituras, certamente gerar novas observações em torno da complexidade que o poeta conseguiu com extrema simplicidade, comum as coisas e aos seres.

A *Evocação* de Bandeira não deixa de ser a evocação de todos nós que reservamos, sob a neblina de nossas memórias, um espaço para as imagens consagradoras das nossas identidades construídas sobre os alicerces da infância.

Nossa contribuição procura muito mais instigar um momento de reflexão do que fechar uma questão que nos parece ser interminável porque resgata a própria discussão sobre o fazer poético.

Bibliografia

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. SP: Martins Fontes, 1988.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. RJ: José Olympio, 1978.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. RJ: Rocco, 1987.
- DERRIDÁ, Jaques. **Gramatologia**. SP: Perspectiva, 1973.
- _____. **A escritura e a diferença**. SP: Perspectiva, 1995.
- DIMAS, Antônio. **Espaço e romance**. SP: Ática, 1987.
- JÚNIOR, Davi arrigucci. **Humildade, paixão e morte**. SP: Cia.Das Letras,1999.
- ROSENBAUM, YUDITH. **Manuel Bandeira: uma poesia da ausência**. SP:Edusp,1993.

**AVALIAÇÃO DE UM CURSO DE
GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR, EM
RONDÔNIA**

José Carlos Barboza da Silva

RESUMO: O artigo apresenta um levantamento de dados e informações pertinentes ao Curso de Psicologia da UNIR(RO), que teve como ponto de partida um projeto de avaliação do referido curso levando em consideração aspectos tais como: currículo, condições materiais envolvidas na formação, prática docente etc.

PALAVRAS-CHAVE: formação, psicologia, currículo, avaliação, egressos.

ABSTRACT: The article presents a survey and some information concerning to the Psychology Course of UNIR (RO), which had as its starting point a project of evaluation of the referred course, considering aspects such as: curriculum, material conditions involved in the formation of the students, teaching, etc.

KEYWORD: formation, psychology, curriculum, evaluation, conclusive.

Introdução

O presente artigo tem como principal propósito informar sobre os resultados de uma pesquisa sobre as percepções de docentes, supervisores de estágio e egressos acerca da formação ofertada no Curso de Licenciatura e Formação de Psicólogos da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), desde sua criação em 1989 até 1996, detectando as principais vicissitudes por que passou o curso durante seu desenvolvimento além dos pontos positivos que nortearam o referido curso.

O estudo, ainda que modestamente, espera contribuir para desencadear um processo avaliativo na UNIR que permita identificar os erros e os acertos dos rumos seguidos no curso de Psicologia e favorecer o aperfeiçoamento da formação oferecida. Não se pretende neutro, ainda que se empenhe em uma identificação rigorosa de percepções de docentes e egressos porque sabe da subjetividade

inerente mesmo no discurso que se diz objetivo. Nesse sentido, deseja apenas que tais percepções contribuam para avaliar o mérito do que acontece e para melhor se entender por que acontece assim.

Para atingir tais objetivos foram examinados documentos de criação e reconhecimento do curso junto ao Ministério da Educação, fornecidos pela extinta Coordenação do Curso e Núcleo de Saúde (NUSAU) da universidade, do processo de regularização da grade curricular no período de 1989 a 1996, da legislação interna da UNIR, tais como: o Estatuto e Regimento Geral da UNIR/RO, vigentes até aquele momento, e as Normas Regulamentares dos estágios do Curso de Psicologia, o Regimento Interno do mesmo curso da UNIR e a Resolução que regulamenta o sistema de avaliação discente dessa universidade, ambos ainda em vigor; além de outros documentos gerais e específicos do NUSAU, da extinta Coordenação de Psicologia e da Reitoria, tais como memorandos internos e ofícios, além de Livros-Ata das reuniões ordinárias e extraordinárias do departamento de psicologia(DEPSI); assim como foram efetuadas 14 entrevistas⁵ com todos os docentes lotados no Departamento de Psicologia no período da coleta de dados, além de um total de 22 entrevistas com os egressos dos seguintes anos: 1993, 1994, 1995 e 1996.

O estudo volta-se para a preocupação atual no país em avaliar a universidade. Qualquer trabalho que aborde tal tema, ainda que parcialmente, está oferecendo, portanto, subsídios para essa ampla discussão. Mais especificamente pode contribuir para o desenvolvimento de instrumentos de avaliação para a Universidade Federal de Rondônia que, por ser uma instituição nova, necessita analisar seus cursos para identificar aspectos positivos e negativos da formação que vem oferecendo.

O curso de Psicologia realizou seu primeiro vestibular apenas no ano de 1989 e jamais tinha sido alvo de uma avaliação formal. Por ser professor desse curso, tive interesse em verificar o trabalho que lá se desenvolvia, tanto para aprimorar minha prática docente como para socializar para outros interessados as informações e os conhecimentos que pude adquirir.

Pode-se acrescentar que o foco do presente estudo adquire um valor específico também quando se leva em consideração o Edital 04/97 da Secretaria de Educação Superior (SESu) do MEC, que propõe a discussão das novas Diretrizes Curriculares dos cursos superiores, em atendimento à legislação pertinente em vigor.

Contextualizando a investigação

Está em curso, atualmente, um processo de questionamento da eficiência e da produtividade das universidades públicas, tanto por parte do governo, como por parte da população de uma maneira geral. O desenvolvimento de tal processo deve-se a inúmeros fatores, principalmente àqueles ligados às mudanças sócio-político-econômicas por que vem passando a sociedade brasileira nos últimos anos.

⁵ As entrevistas foram realizadas entre novembro de 1997 e maio de 1998. Aos depoimentos gravados foram dados códigos, com o intuito de resguardar o anonimato do depoente. Os depoimentos gravados foram transcritos, o que possibilitou uma comparação entre eles, além de uma confrontação com os documentos analisados.

A avaliação dos cursos de graduação, que vem gradativamente sendo implantada, gerou uma série de reações por parte de acadêmicos, docentes e órgãos responsáveis pela formação profissional, dado o caráter pouco abrangente do instrumento avaliador da qualidade de ensino fornecido. Não se pode descartar a idéia de que a cobrança dos resultados da formação acadêmica ofertada está ligada a uma perspectiva utilitarista do capital mundial, que atinge sobremaneira países como o Brasil, dependente de investimento de capitais estrangeiros para se desenvolver e que busca na produtividade uma alternativa para seu crescimento, necessitando sobremaneira da capacitação promovida pelo processo educativo. Nesse sentido, Fávero (1989), já chamava a atenção da vinculação pretendida por determinados segmentos de poder quando assim se expressava: “(...)A ciência é fator de desenvolvimento, mas isso não significa que a atividade científica tenha que estar estritamente vinculada às necessidades imediatas do sistema produtivo” (p. 51).

Intensa discussão tem levado os professores, os técnicos administrativos e seus respectivos sindicatos e/ou associações, além de entidades estudantis como a UNE (União Nacional dos Estudantes), a apontar para o governo federal, que instituiu a avaliação denominada “provão”, que tal medida relega uma variedade de aspectos importantes de serem avaliados, tais como: a prática de ensino nas licenciaturas, os estágios supervisionados, os recursos bibliográficos disponíveis, as instalações materiais, a qualificação do corpo docente, o ensino ministrado etc., levando em consideração apenas o resultado de uma única prova, realizada ao final do curso de graduação. Concordo com Fávero (1989), quando esclarece quais os caminhos a serem seguidos:

(...) que se penetre na instituição e se examinem concretamente quais são as saídas face às dificuldades e aos problemas existentes. (...) que se questione (...) sua função na produção e disseminação do conhecimento e sua competência para formar profissionais, procurando alternativas, estabelecendo prioridades numa política de ensino, pesquisa e extensão voltada para a realidade nacional e regional(p. 45).

Ciente do papel profissional que devo exercer na melhoria da formação profissional, em particular no curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondônia, no qual sou um dos responsáveis pelos formandos que são colocados à disposição da sociedade, é que me propus a fornecer elementos para uma avaliação do curso, buscando identificar as percepções de docentes e de egressos do referido curso sobre o mesmo. Espera-se que tais percepções ofereçam informações referentes à possível discrepância entre o profissional que tem sido preparado e o tipo de profissional desejado. Forneço, também, dados que indicam se a formação é considerada crítica ou suficiente para capacitá-lo a bem perceber a realidade em que está inserido e a nela pretender influir.

Apresento, então, uma compreensão, por meio da análise tanto das respostas de egressos e docentes às entrevistas realizadas, como da legislação referente ao curso de Psicologia, quais têm sido os rumos desse curso na UNIR. Assim, realizei uma avaliação parcial, que abrange alguns aspectos de uma dada realidade e relegam outros. Penso, contudo, que o estudo pode estimular uma avaliação mais abrangente e rigorosa, contribuindo para sua efetivação, como esclareço a seguir.

Importância do Estudo

O artigo 4º do Estatuto informa que a UNIR tem como finalidade precípua a promoção do saber científico puro e aplicado, com base em sua atuação em um sistema indissociável de ensino, pesquisa e extensão. A legislação interna do curso esclarece o perfil do profissional a ser preparado. Conforme o Artigo nº 7, do Regimento Interno do Curso de Psicologia em vigor, “o profissional formado pelo Curso de Psicologia deverá ter seu perfil marcado basicamente pelo que se segue: **I - Consciência do valor da pesquisa; II - Hábito de pesquisa e VI - Hábito de atualização do conhecimento**”. Estarão tais objetivos sendo atingidos, totais ou parcialmente?

As novas diretrizes curriculares devem ser submetidas à apreciação e aprovação pelo Conselho Nacional de Educação, a partir da proposta apresentada pela Comissão de Especialistas no Ensino da Psicologia - SESU/MEC. O estudo por mim efetuado pode fornecer subsídios à Comissão de Especialistas que, apesar das reuniões e discussões realizadas em todo o país, defende uma perspectiva que se contrapõe à formação generalista aprovada pelo Fórum de Formação dos Conselhos de Psicologia, realizado em outubro de 1997, na cidade de Ribeirão Preto.

Tal Fórum também aprovou a criação da ABEP (Associação Brasileira do Ensino de Psicologia)⁶, efetivada durante a XVIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, em outubro de 1998, com o intuito de organizar uma entidade que seja o porta-voz, na sociedade, das discussões que tratem da formação do psicólogo. Segundo as informações veiculadas por meio do Jornal do FEDERAL, que é o jornal informativo do Conselho Federal de Psicologia, a ABEP deverá reunir professores, profissionais e estudantes de psicologia na intenção de discutir “que psicólogo queremos formar?”. Segundo a presidente do CFP, não se deseja uma resposta única, pois “a sociedade está em movimento e exigirá sempre um novo tipo de profissional” (CFP, 1998, p. 10).

A avaliação parcial aqui pretendida, de um curso recente de graduação em psicologia como o da UNIR, não pode desconsiderar os problemas políticos e/ou financeiros por que passa o ensino superior do país, sob pena de apresentar uma visão restrita dos diferentes e diversos determinantes envolvidos na formação de profissionais supostamente qualificados.

Cabe ainda assinalar que o estudo pode incentivar o questionamento da política governamental para a universidade.

A tentativa de levantar informações sobre o Curso de Psicologia da UNIR corresponde, então, a uma decisão política, pois colabora para transformar o “*processo de produção*” da profissão como atividade, contribuindo para o alcance de objetivos democraticamente aceitos (Belloni, 1989). O levantamento de percepções de docentes e egressos sobre o curso reflete um compromisso com o crescimento e o desenvolvimento político da universidade, o que por sua vez retorna ao ensino, oferecendo aos membros da comunidade acadêmica a possibilidade de uma maior compreensão dos processos, procedimentos e

⁶ O Fórum de Entidades é composto pelas cinco entidades nacionais da Psicologia, que são a: Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP); Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP); Federação Nacional dos Psicólogos (FENAPSI); Conselho Federal de Psicologia (CFP) e da Executiva Nacional dos Estudantes de Psicologia (ENEP).

escolhas pedagógicas. No quadro geral de dificuldades por que passa a sociedade brasileira, a universidade não pode e não deve se eximir de buscar soluções para os problemas que está enfrentando.

Referencial Teórico-Metodológico

Este trabalho parte de algumas definições encontradas na literatura, buscando entender qual delas pode melhor dar conta da especificidade dos objetivos definidos da avaliação para a qual ofereço subsídios. Minha intenção não é, portanto, uma revisão exaustiva da literatura sobre avaliação.

O termo avaliação apresenta inúmeras acepções. Muitas vezes é considerado como o ato de avaliar, estimar, apreciar, aquilatar e aferir. Assim, cabe não confundir avaliação com medição, que corresponde ao ato ou efeito de medir, muito embora, a medição ajude na tarefa avaliativa. Segundo Sousa (1996), “avaliar é um empreendimento científico” (p. 43), diferenciando-se da avaliação comumente feita, decorrente da experiência individual e subjetiva. No enfoque de Sousa, a medida apresenta significativa importância. No entanto, como avaliar significa atribuir determinados significados ao que foi observado e colhido, envolvendo julgamento, valoração, Dias Sobrinho (1996) destaca seu caráter de não neutralidade. Concordando com tal ponto de vista, acrescento, todavia, que a avaliação deve pretender objetividade e precisão, para distinguir-se do ato de estimar, mais aproximativo, mais subjetivo e menos baseado em procedimentos rigorosos.

No caso específico da avaliação de um curso e/ou uma atividade profissional, é necessário empregar procedimentos que sirvam “para identificar, obter e proporcionar a informação pertinente e julgar o mérito e o valor, de maneira justificável”. (AGUILAR, 1994 : 23). Trata-se, assim, de “um juízo acerca de algo”, que se baseia em um julgamento do “por que acontece o que acontece” (p. 21). Reitera-se, então, a não neutralidade do processo.

Para Sousa (1996), a avaliação educacional abrange a análise de dados relativos a um determinado contexto. A denominação avaliação educacional, segundo ela, deve ser utilizada:

quando se pretende orientar decisões públicas, como aprovar ou reprovar alunos, estabelecer prioridade de recursos, selecionar objetivos de um currículo ou programa escolar, analisar a qualidade do ensino de um sistema educacional, analisar as interações entre os membros de uma instituição ou mesmo julgar o desempenho de uma universidade (p. 44) .

Para Dias Sobrinho (1996), a avaliação de um curso inclui avaliar os docentes, os planos e programas de estudo, os materiais e recursos didáticos, em função de objetivos internos previamente estabelecidos. Essa avaliação deve preceder qualquer mudança que se queira fazer em uma dada realidade. Para Januzzi (1995), após o processo avaliativo, os resultados “considerados como satisfatórios serão conservados; aqueles considerados como não satisfatórios poderão ser eliminados; poderão ser conservados, para ver para onde esta vai; ou poderão ser modificados para melhor” (p. 37).

Destaco, então, a seguir, características da avaliação para a qual intento oferecer subsídios.

Proponho, em primeiro lugar, uma avaliação **democrática**, que pode ser vista como

um serviço informativo, prestado à comunidade acerca das características de um programa educacional. Reconhece a existência de um pluralismo de valores e procura representar uma gama variada de interesses ao formular suas indagações principais. (...) A principal atividade do avaliador consiste no levantamento das concepções e reações acerca do programa estudado (...). (MacDonald, citado por Saul , 1995 , p. 54).

A avaliação desempenha o papel de crítica institucional incluindo a expressão e a descrição da realidade, assim como englobando a verbalização e a problematização dessa dada realidade, segundo o modo como um grupo particular a apreende. A descrição pode conter material concreto, simbólico ou ambos. A expressão pode envolver fatos, conceitos, valores e sentimentos. O material freqüentemente revela as posições dos participantes de um grupo a respeito das situações de trabalho e de vida (Saul, 1995, p.56).

Tal processo favorece aos sujeitos envolvidos vislumbrar as possibilidades e os limites da realidade avaliada e encontrar respostas criativas para os objetivos e para as dificuldades em atingi-los. Esse envolvimento pode levar à **emancipação**, entendida como “o processo histórico de conquista e exercício da qualidade de ator consciente e produtivo. Trata-se da formação do sujeito capaz de se definir e de ocupar espaço próprio, recusando ser reduzido a objeto. É fenômeno teórico e prático ao mesmo tempo” (Demo, 1992, p. 78).

A possibilidade de uma prática avaliativa pautada em interesses emancipatórias é também vislumbrada por Goergen (1996), que trata a avaliação como uma *forma especial de conhecimento*. Chama a atenção para as dimensões técnica, prática e emancipatória do conhecimento, destacando a interação dessas três dimensões. Esclarece, então, que a avaliação se destina ao julgamento de “ações guiadas por estes interesses” (p. 29). Tais interesses, ainda que nem sempre evidentes no processo avaliativo, são capazes de influenciar tanto a validade dos resultados como as decisões quanto aos rumos a serem impressos à prática.

Fica evidente que aqui não se está defendendo uma avaliação técnica, que se limite a controlar o processo que focalize. Nesse sentido, vejo os participantes da avaliação como colaboradores na busca de informações que sejam úteis à proposição de alternativas. A intenção é debater criticamente uma dada realidade, respeitando e preservando as diferentes posições encontradas, mas articulando-as em um todo compreensível capaz de gerar transformações.

Nessa linha, não cabe homogeneizar os dados coletados em um dado modelo. Quero compreender sua pluralidade, pois “o dissenso constitui a natureza mesma de uma instituição educativa” (Sousa, 1996, p. 52). Além disso, pretendo garantir proteção aos informantes e às suas informações, implicando em direito de conhecimento das conclusões obtidas, dentro dos limites de segurança e impessoalidade. Defendo, portanto, em segundo lugar, uma avaliação **ética** (Sousa, 1996).

Em terceiro lugar, coloca-se a favor de uma perspectiva integrada de avaliação que não apresente uma cisão entre a realidade pesquisada, a capacitação de quadros e a ampliação de conhecimentos, por

se tratem de dimensões inseparáveis e interligadas de um caminho político-pedagógico (Brandão, 1981). As percepções dos membros de um dado grupo sobre suas experiências são, assim, o ponto de partida e a matéria-prima de um processo avaliativo que seja também **educativo**, que conduza à produção de novos conhecimentos e que desenvolva a capacidade de iniciativa e de transformar a realidade analisada.

Em quarto lugar, proponho uma avaliação predominantemente **qualitativa**, cuja ênfase esteja na interpretação, na descrição e no acompanhamento de ações contextuais. Ainda que não se rejeitem dados quantitativos, as generalizações estatísticas são trocadas pela busca de significados e processos, análises e interpretações de situações específicas ou de acontecimentos únicos (Gomez, citado por Saul, 1995). Tal ênfase constitui uma opção metodológica, derivada dos objetivos previstos, pois não se pode esquecer que “quantidade e qualidade são dimensões inseparáveis de uma mesma realidade” (Dias Sobrinho, 1996, p.19). Nessa mesma direção, Triviños (1990) enfatiza que o quantitativo é característico dos fenômenos sociais também” (p. 67), a despeito das grandes diferenças entre os dois enfoques.

Sustento, então, a importância de não se negarem os aspectos quantitativos envolvidos na avaliação de um curso superior, mas sim de se dar relevo a uma descrição caracterizada por um processo de análise e crítica da realidade pesquisada, com vistas à sua transformação. O propósito é favorecer, por meio da consciência crítica, o comprometimento histórico e político dos sujeitos envolvidos no curso.

Chega-se ao quinto aspecto defendido: uma avaliação sistemática, que expresse o compromisso da universidade com o bem público. Como frisa Belloni (1989), a educação universitária é um serviço ou bem público e seus benefícios atingem toda a sociedade, tanto na preparação de cidadãos e profissionais capacitados, como na distribuição do conhecimento produzido, desempenhando um papel de eficiência no nível social. Reitera, assim, a função pública da universidade, de cujo desempenho a avaliação é parte intrínseca (Dias Sobrinho, 1996).

Para Belloni (1989), o reconhecimento da necessidade de avaliar o ensino superior é antiga e decorre dos movimentos sociais e políticos que marcaram a década de 1960 em nosso país. Naquele momento, tratava-se de revisar o projeto institucional e de avaliar o papel da universidade em relação à sociedade. Hoje, a proposta de avaliação não pode desconsiderar o processo de depauperação por que passaram as instituições, principalmente a universidade, em função de uma política educacional que nivelou por baixo as condições de trabalho e promoveu o achatamento dos salários (Vieira, 1989).

Belloni (1989) chama a atenção para o fato de que a universidade enfrenta uma *crise*,⁷ caracterizada pelos seguintes aspectos: (a) insuficiência de recursos financeiros e má qualidade dos recursos materiais disponíveis; (b) incapacidade dos profissionais da universidade para atender às necessidades colocadas pelo mercado de trabalho e (c) formação deficiente dos recursos humanos, centrada, predominantemente, em uma orientação tecnicista.

⁷ VIEIRA (1989) chama a atenção de que parece haver um denominador comum da crise, que seria a impossibilidade de instituições como a universidade de realizar necessidades que já não possuem lastro no contexto atual mas, que também, não são capazes de dar conta da realidade presente e futura .

A autora destaca, então, a urgência de uma avaliação do processo educativo no ensino superior. Há uma necessidade *estrutural*, pois a universidade deve promover o desenvolvimento da ciência, da cultura e da arte, e há uma necessidade *conjuntural*, decorrente do papel político e científico da educação universitária. Belloni (1989) defende, assim, a retomada do compromisso institucional que, durante a ditadura militar, foi impedido de se concretizar.

Mas para essa retomada, há que se fazer a avaliação sistematicamente e incluí-la no âmbito das funções públicas que a universidade desempenha. Acrescento que somente uma avaliação sistemática pode reduzir ou mesmo inviabilizar o fator “rotina”, que colabora para descaracterizar os objetivos e as proposições da atividade educativa, dificultando, portanto o cumprimento do compromisso social que se deseja característico da universidade. Espero que tal estudo seja o primeiro passo de tal avaliação.

A avaliação parcial que se pretendeu realizar nesta investigação correspondeu, fundamentalmente, a uma análise de percepções de práticas acadêmicas. Pretendi, entretanto, contribuir para o aprimoramento tanto da produção quanto dos efeitos dessas práticas. A dificuldade de se realizar uma avaliação, mesmo que parcial, de um determinado curso de graduação, é enorme. Para Fávero (1989), um dos motivos da chamada crise da universidade⁸ está intimamente ligada à própria história e objetivos de sua criação. Segundo ela, tais objetivos não se referem às necessidades fundamentais da realidade de que é parte, o que faz com que a universidade seja vista como um bem cultural oferecido a grupos minoritários. Assim sendo, qualquer iniciativa no sentido de reavaliar seus rumos provoca desconfiança, medo e até mesmo hostilidade. No entanto, como “todo serviço público deve ser igualmente acessível a todos os membros de uma sociedade” (p. 48), faz-se indispensável avaliá-lo. Somente um processo avaliativo interno e externo permanente pode propiciar uma utilização adequada dos recursos que favoreça a superação dos problemas por que passa a universidade.

Informações Encontradas e Considerações

Nesse estudo evidenciou-se o que Carvalho(1984) denomina de limitação no modelo de atuação: o potencial de aplicação da psicologia é quase restrito ao modelo clínico de atendimento, secundarizando outras áreas de atuação e possibilidade de ampliação do objeto de estudo da psicologia. Pereira(1972), em seu estudo, constatou o mesmo desinteresse dos cursos e dos profissionais pela pesquisa e por algumas áreas de aplicação da psicologia.

Entretanto, alguns docentes parecem defender uma universidade voltada para o preparo de profissionais e cidadãos capacitados e responsáveis, para a produção e distribuição de conhecimento; uma universidade, enfim, socialmente comprometida (Belloni, 1989). Também para Fávero(1989), a socialização do conhecimento produzido pela universidade é requisito indispensável a uma atuação democrática. Alguns docentes destacam tal ponto em suas falas.

⁸Para a autora, os demais motivos da crise da universidade estão ligados à estrutura centralizadora e conservadora de poder, à falta de competência profissional de seus quadros, ao descompromisso com os interesses mais fundamentais da sociedade e pela falta de atitude dos dirigentes acadêmicos que estão afastados da sociedade civil e do Estado.

Das respostas dadas sobre as expectativas vividas em relação à profissão, apenas nove egressos confirmaram suas expectativas profissionais. Para os demais, a confirmação foi apenas parcial ou não se verificou.

A maioria apresentou como justificativas favoráveis à confirmação de suas expectativas os ganhos profissionais e financeiros obtidos, o reconhecimento profissional alcançado, assim como a satisfação com o trabalho. Os argumentos apresentados para as avaliações negativas referem-se às dificuldades envolvidas na inserção em um mercado de trabalho que não se encontra em expansão. É preciso lembrar que a “reengenharia” das empresas corta seus custos orçamentários principalmente naquilo que é considerado supérfluo ou um “luxo” como, por exemplo, ter psicólogos em seus quadros para cuidar da “mente” dos seus funcionários.

Quanto às expectativas iniciais em relação ao curso de psicologia, nota-se, pelo conjunto dos depoimentos, que há uma certa fantasia expressa nas falas, revelando ingenuidade, desconhecimento ou visões estereotipadas nas percepções dos egressos. Isso leva a crer que os estudantes não apresentam uma visão da função social da profissão que seja abrangente e não elitista.

A modificação que a realidade profissional impõe ao egresso de um modelo limitado (Carvalho, 1984) parece contribuir para que as decepções e o não cumprimento das expectativas vividas em relação à profissão se efetuem. Essa perspectiva, segundo as percepções de docentes e egressos, talvez caracterize, ao menos parcialmente, a inserção dos diplomados na UNIR no mercado de trabalho local.

Mercado de trabalho concorrido, desemprego e baixos salários respondem por grande número de frustrações, assim como a separação entre a formação e a prática, apontada por Martín-Baró (apud, Maluf, 1994). O modelo médico de cura também é abordado em um dos depoimentos, o que evidencia que o curso de psicologia, apesar de todas as transformações sociais ocorridas desde sua regulamentação legal, ainda carrega uma imagem médica, sem uma identidade própria reconhecida socialmente. A busca de identidade com base no modelo médico de atuação profissional não é simples, pois a psicologia não goza do mesmo prestígio que a medicina.

No tocante às expectativas iniciais em relação ao curso de psicologia na percepção dos 14 docentes entrevistados, somente um informou não ter tido expectativas. Tais expectativas diziam respeito ao ambiente de trabalho, à possibilidade de estudar e/ou atualizar-se e ao desejo de encontrar pessoas com quem compartilhar identidade profissional.

Os motivos expressos pelos demais incluem: afinidade com a docência, facilidade de contato com o público, fatores de ordem mais acadêmica, preocupação com o autocrescimento e com o crescimento do outro.

Contudo, foram citados como fatores desmotivantes: despreparo dos alunos, a falta de união entre os docentes e falta de infra-estrutura na universidade para atender às expectativas iniciais. Tais

falas revelam que apenas cinco docentes mantiveram suas expectativas iniciais. Dentre os motivos expressos como responsáveis por mudanças ou desaparecimento das expectativas, são citados: o excesso de tarefas administrativas e burocráticas, a falta de apoio da administração superior da UNIR, o excessivo poder conferido ao aluno (inclusive nos colegiados), a falta de respeito e de ética por parte dos discentes, a desmotivação dos alunos, a falta de professores, a falta de um relacionamento adequado entre eles, a impossibilidade de realizar pesquisa e extensão, assim como pouca flexibilidade nos programas das disciplinas.

Observa-se que a busca de titulação de todo o departamento que começou em 1996, quando dois de seus docentes passaram na seleção do mestrado, tendo continuidade até os dias atuais em que somente um docente ainda não apresenta tal titulação, também pode ser vista como estratégia para lidar com tais expectativas frustradas. Assim, um projeto profissional “coletivo” passa a ter como expressão a realização pessoal individual. Atualmente, todo o departamento de Psicologia encontra-se realizando doutorado ou em fase de preparação para tal qualificação.

Por outro lado, alguns docentes acentuaram que suas práticas têm contribuído para formar bons profissionais e têm estimulado estudos avançados. Pode-se afirmar que a depauperação das instituições de ensino (Vieira, 1989), bem como a política educacional para as universidades, que nivelou por baixo as condições de trabalho e o salário decrescente são outros ingredientes que contribuem para o desencanto posterior dos docentes.

Os depoimentos sobre os motivos que determinaram a escolha da atividade de docência e/ou supervisão por parte dos professores podem complementar o que vem sendo discutido. Aparentemente algumas escolhas estão eivadas do caráter mágico que a profissão possuía em seus primórdios no Brasil (Mello, 1983). Boa parte dos depoimentos sugere que o vínculo federal e a remuneração salarial eram atraentes no momento da escolha. A destruição de tais fantasias deve-se tanto ao fato de que as condições de trabalho existentes hoje não favorecem o desenvolvimento das atividades a que se propuseram os docentes, bem como de que o salário deixa muito a desejar.

O currículo foi considerado pela maior parte dos egressos, na proporção de dez para oito, como insatisfatório, inadequado ou falho. Outros quatro entrevistados não explicitaram suas opiniões. Os motivos da insatisfação dizem respeito à fragmentação e à separação entre teoria e prática. Alguns egressos não se sentem mesmo preparados ao término do curso, considerando a pouca profundidade e a falta de atualização no tratamento de alguns conteúdos curriculares.

O currículo centrado na área clínica e, essencialmente, psicanaliticamente orientado, foi visto como negativo. Sugeriu-se uma base médica mais forte para o curso, dadas as necessidades encontradas na prática profissional.

Outros egressos reclamaram do despreparo para o último concurso que realizaram.

A falta de professores foi outro fator que, segundo os entrevistados, contribuiu para uma prática curricular deficiente.

Os egressos que avaliaram o currículo como satisfatório o fizeram por comparação com os currículos de outras universidades, por conseguirem sempre os primeiros lugares nos concursos de Porto Velho. Acentuaram, ainda, que a participação em congressos pôde confirmar a qualidade do currículo e do ensino do curso.

Por fim, nesse item, os *bons* professores foram responsabilizados pela satisfação com o currículo experimentado. As análises de Januzzi(1995) sobre a interação do currículo com o contexto em que se desenvolve se harmonizam com pontos de vista presentes em alguns depoimentos. Ou seja, o curso da UNIR, como outros, carece de uma perspectiva crítica, difícil de ser implantada quando há falta de professores, de uma visão mais clara do objeto de estudo, da função social da profissão, assim como de uma articulação entre teoria e prática. Este último aspecto tem sido considerado como verdadeiro ponto de estrangulamento na formação (Duran, 1994). Pode-se ainda dizer que as críticas de Mello(1983) confirmam-se na realidade da UNIR.

Na percepção dos docentes acerca do currículo, nove consideraram-no inadequado, contra apenas dois que o definiram como adequado ou satisfatório. Três docentes não se posicionaram claramente. O que os depoimentos parecem indicar é que seriam necessários, após o reconhecimento do curso, para o qual se reformulou o currículo, um acompanhamento e uma avaliação do mesmo, buscando identificar aspectos carentes de reformulação. Tal ponto de vista, aliás, foi defendido por Bonfim (1996), ao estudar a política dos currículos mínimos e suas conseqüências na formação acadêmica.

Como houve modificações nos currículos do curso, foi solicitado que os docentes se manifestassem quanto à pertinência dessas alterações. Nove dentre eles julgaram adequadas as mudanças ocorridas, por considerarem haver problemas nas disciplinas anteriormente escolhidas, bem como por valorizarem o espaço concedido para a participação docente. Ainda, pensam que se buscou atualizar o curso, a partir da análise de grades curriculares de outras instituições.

Os docentes contrários às mudanças queixam-se de que elas não passariam de uma mudança de “fachada”, de que a participação foi insuficiente, de que a nova LDB não foi suficientemente considerada e, ainda, reclamam da pertinência dessas transformações. Por fim, há críticas quanto à falta de contribuição de alguns docentes, principalmente no que se refere ao estágio.

Conforme os depoimentos demonstram, as mudanças sucessivas efetuadas nos currículos do curso não parecem ter tido grande sucesso. Apoiando-me em Francisco e Bastos (1992), sugiro que talvez se fizesse necessária uma mudança estrutural mais profunda, capaz de contribuir para alterações significativas na construção da ciência e da prática psicológicas.

As mudanças ocorridas parecem ter-se direcionado para a área clínica. Por isso, os entrevistados julgam que ainda é necessário modificar o currículo em vigor e retomar a discussão do curso como um todo, definindo-se melhor qual o perfil do psicólogo que se quer formar.

Segundo Duran (1994), o currículo deve sempre ser avaliado e flexibilizado por mudanças nos conteúdos das disciplinas ou na grade curricular, em intervalos suficientes para avaliar os impactos. Pelos depoimentos, as mudanças visavam basicamente a solucionar dificuldades institucionais, como a falta de professores, ou então atender às necessidades legais, como o reconhecimento do curso. Portanto, as modificações não ajudaram a definir claramente o perfil profissional desejado, seja pela falta de tempo suficiente para averiguar os impactos das modificações, seja pela falta de articulação entre as mudanças propostas e/ou realizadas. Já em relação à percepção dos egressos quanto aos estágios, nove egressos avaliaram positivamente os estágios. Dez consideraram que alguns eram suficientes, adequados ou satisfatórios, mas outros não. Três avaliaram negativamente.

Os pontos positivos que justificaram as respostas dizem respeito ao caráter enriquecedor do estágio e ao bom trabalho desenvolvido pelo supervisor.

Como pontos negativos foram citados: o pouco tempo disponível para o estágio, o número reduzido de opções, a diversidade de áreas de estágio, a descontinuidade nos locais de estágio e, finalmente, o mau desempenho do supervisor.

O direcionamento dos estágios para a área clínica parece ter sido marcante. Fator importante para a “escolha” por essa área de formação e atuação parece dizer respeito à inexistência de uma estrutura para as demais áreas de estágios, evidenciada tanto pela falta de convênios como de supervisores. Tal situação corrobora as afirmações de Mello(1983), quanto à *transformação* dos discentes em psicólogos clínicos ao final do curso, seja pelas disciplinas e pela carga horária destinadas a essa área, seja pela falta de condições ao estagiário de optar pelas demais áreas.

Os depoimentos sobre a percepção dos docentes quanto aos estágios evidenciam diferentes tipos de resposta. Nove entrevistados avaliaram negativamente os estágios. Quatro não se posicionaram claramente. Outro afirmou ter recebido formação suficiente na área clínica, mas não em outras áreas.

Foram citados como motivos favoráveis o esforço dos professores, a boa atuação na área clínica, assim como o preparo do supervisor. Além desses motivos foi ressaltado que o curso de psicologia da UNIR é muito jovem e possuidor de potencial de desenvolvimento.

Algumas justificativas foram apresentadas para as respostas negativas: falta de preparo dos discentes, falta de preparo dos docentes, desarticulação teoria-prática durante todo o curso, estágios oferecidos e cursados tardiamente, problemas no currículo, carência de recursos materiais e humanos, assim como necessidade de psicoterapia para os alunos.

Sugeriu-se que os concursos para docente sejam para áreas específicas da psicologia e que se ofereça aos futuros psicólogos a oportunidade de residência, como ocorre com os médicos. O prestígio da medicina parece afetar as percepções dos docentes. Pode-se supor que não é somente o estudante de psicologia que se espelha em tal imagem, já que os docentes acentuaram a necessidade da residência, como na medicina. Para Mello(1983), tal visão dificulta um enfoque mais adequado da prática do psicólogo.

De acordo com a legislação da UNIR, o estágio deve constituir-se em elemento integrador da teoria e da prática. A dificuldade em promover essa integração, evidente nos depoimentos dos professores, foi enfatizada por Fávero (1992).

As áreas de estágio existentes também confirmam o ponto de vista de Bastos(1990), para quem uma certa homogeneidade nas instituições formadoras acaba impedindo modelos alternativos que escapem às áreas tradicionais.

Docentes e egressos também responderam sobre a integração entre as disciplinas e o(s) estágio(s). Por parte dos egressos foram maioria as respostas que apontaram para a não integração entre as disciplinas e os estágios. Quanto aos docentes, apenas oito docentes consideraram ocorrer essa integração. Os demais julgaram ou não haver tal integração ou ser a mesma insatisfatória. A maioria das opiniões, tanto de docentes como de egressos, apontam para graves dificuldades quanto à integração das disciplinas ofertadas e os estágios realizados. A consequência é que a formação do psicólogo torna-se bastante limitada, pela falta de uma maior relação entre os conteúdos ministrados e a prática profissional que encontra nos estágios.

As respostas ratificam a percepção de uma ênfase no modelo clínico e de uma secundarização das demais áreas e linhas teóricas. A percepção dos egressos sobre o corpo docente é a seguinte: dez entrevistados manifestaram-se favoravelmente aos professores. Os demais avaliaram a atuação docente como regular ou fraca.

Quanto à capacitação docente, ainda que se afirme junto à Comissão Especial da Câmara de Educação do C.N.E a existência de um plano de Capacitação de Docentes e fixação do Profissional na Instituição, o que se verificou, em relação ao departamento de Psicologia, é que somente em janeiro do ano de 1998, precisamente, começou o primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu*, visando a atender aos professores do curso, mediante convênio com a USP.

Cabe também comentar que um curso que se iniciou com apenas três docentes está propenso a experimentar dificuldades quando da saída de seu quadro para qualificação. As respostas ao item sobre os recursos materiais na percepção dos egressos englobaram a qualidade da biblioteca, a existência de retro-projetores, o tamanho físico do S.P.A(Serviço de Psicologia Aplicada), a situação física das salas de aula e do laboratório. Entretanto, nem todos os 22 entrevistados se manifestaram em relação a todos esses aspectos. A maioria dos entrevistados

avaliou negativamente a biblioteca. Dois egressos criticaram o número insuficiente de retro-projetores.

Os que se mostraram satisfeitos com os recursos materiais justificaram que se tratava da primeira turma, que o acesso à biblioteca era fácil e que a preocupação maior era com os periódicos, mais atualizados do que os livros.

Os que criticaram comentaram que a biblioteca não dispunha dos títulos necessários nem de número suficiente de volumes. Faltavam também periódicos. O trabalho tornava-se, portanto, bem mais difícil, sendo necessário o recurso a alternativas como xerox, compra de livros pelo docente etc. É fato que a carência de recursos advinda de uma política de sucateamento das universidades públicas é a grande responsável por este atual estado. Contudo, na maioria das universidades federais não há acesso à internet e, também, não existem recursos para melhorias tais como: instalação de laboratórios, ampliação dos espaços existentes etc. Em relação às instalações físicas, as críticas focalizaram o caráter precário das mesmas.

Mesmo que a ampla maioria dos depoentes demonstre insatisfação quanto aos recursos bibliográficos, houve também a compreensão de que era quase impossível para um curso de psicologia iniciante dispor de todo o material necessário. Já com relação às salas de aula, o desconforto gerado pelo calor e pelo ruído sempre propiciou grande insatisfação maior entre os alunos.

Apesar das dificuldades, alguns entrevistados estão conscientes de que o processo de formação não se encerra ao final da graduação, conforme acentua Duran (1994). O curso, mesmo não oferecendo uma formação totalmente satisfatória, pode contribuir para que o diplomado perceba a necessidade de posterior auto-aperfeiçoamento.

Para seis dos egressos entrevistados, a percepção é que o curso atendeu totalmente às suas necessidades de desempenho profissional. Para onze, o atendimento foi razoável. Quatro não se posicionaram claramente e um disse não ter condições de responder por não estar atuando em psicologia.

Apesar da dissociação teoria-prática já bastante destacada, alguns depoentes consideraram ter encontrado, na UNIR, condições de adquirir o conhecimento básico necessário ao desempenho profissional. Acentuaram, ainda, o estímulo recebido, que os levou a buscar atualização e aperfeiçoamento.

Os egressos entrevistados que julgaram que houve atendimento apenas parcial às necessidades de desempenho profissional, reclamam, como já foi ressaltado anteriormente, da superficialidade dos conteúdos ensinados. As respostas podem ser comparadas às obtidas quando se pediu que os docentes considerassem se a formação recebida pelos alunos foi suficiente e compatível com a tarefa profissional que desempenhariam ao chegar ao campo de estágio, assim

como às percepções dos docentes quanto ao atendimento às necessidades do desempenho profissional.

Quatro docentes opinaram favoravelmente em relação ao atendimento às necessidades de desempenho profissional. Cinco consideraram que o atendimento se dá somente em alguns casos. Três docentes não se posicionaram claramente. Um não soube responder e outro julgou que o curso não atende às necessidades profissionais.

Os docentes que se manifestaram favoravelmente acentuaram, como alguns egressos, a boa base de conhecimentos fornecida. Segundo eles, o desempenho profissional de muitos egressos confirma tal ponto de vista.

Dentre as opiniões desfavoráveis, o argumento é que há muitos alunos que estão apenas em busca do título de psicólogo e acabam atuando em áreas da psicologia para as quais nem sequer realizou estágio curricular. Criticaram, ainda, a falta de condições emocionais a alguns egressos para trabalharem como psicólogos em qualquer área.

Pode-se afirmar que, apesar dos problemas, o curso está sendo visto como capaz de propiciar uma formação compatível com a realidade encontrada para a atuação profissional. A busca de aperfeiçoamento, ainda que apresente nitidamente um viés clínico, parece estar ampliando os espaços e os limites profissionais do egresso da UNIR.

Cabe acentuar que a preocupação com o auto-aperfeiçoamento talvez neutralize a presença de problemas no curso. Essa preocupação com a atualização constante parece confirmar o ponto de vista de Bastos e Achcar (1994), que enfatizam a importância da permanente ampliação dos conhecimentos adquiridos.

Pode-se talvez associar a atuação de egressos em áreas nas quais não fizeram estágios à vivência de acompanhar professores “saltando” de uma disciplina para outra. Como corretamente acentua Mello(1989), são fundamentais, na formação do aluno, os exemplos e as práticas dos docentes.

Conclusões

Pode-se dizer que os principais problemas do curso, segundo as percepções de egressos e docentes, se encontram nas limitações organizacionais e físicas da própria instituição, bem como do próprio curso, que não conseguiu superar algumas das dificuldades por que vem passando desde sua criação como, por exemplo, a precariedade e carência de títulos da biblioteca.

Em relação ao currículo, cabe destacar a falta de uma avaliação da grade curricular implantada que aprofundasse a compreensão dos problemas já mencionados, como a falta de disciplinas optativas, o direcionamento da formação para o modelo clínico, a falta de atualização das ementas das disciplinas, assim como a dissociação entre teoria e prática, marcante durante toda a formação.

Quanto aos estágios, a exigência legal de realizar mais de um na UNIR, revelou-se como problemática, devido ao pouco tempo para assimilar tantas informações e à ansiedade, ao término do curso, decorrente das dificuldades relativas a um mercado de trabalho bastante saturado. Com relação ao corpo docente, os problemas encontrados deveram-se, principalmente, à falta de professores, o que responde pelo não oferecimento de áreas diferentes das tradicionais. A falta de qualificação do corpo docente, até o momento da coleta de dados, parece decorrer da falta de recursos (financeiros) e provocar, ao menos em parte, a pouca preocupação com atividades de pesquisa.

Os resultados revelaram que tal curso enfrentou inúmeros problemas de ordem administrativa, legal e organizacional, comuns a outros cursos criados em situações semelhantes, mas não foi capaz de superá-los. Falta avaliar o currículo, rever os estágios e ampliar as orientações do curso. Acrescentem-se a desarticulação entre teoria e prática e o caráter pouco crítico da formação.

Desse modo, o cumprimento dos objetivos para os quais foi criado o curso de psicologia, vem sendo somente parcialmente atingidos. Por outro lado, apesar de todas as dificuldades, o curso parece estar cumprindo, ao menos parcialmente, seus objetivos, conforme os pontos de vista de docentes e egressos. De modo geral, o curso parece atender às necessidades básicas, embora se faça necessário um posterior investimento na complementação do que foi aprendido durante a formação.

Como pontos positivos podem ser destacados os seguintes: a) desde a primeira turma de graduados no ano de 1993, mais de cem psicólogos já foram colocados à disposição da sociedade e, em sua maioria, encontram-se ocupando o mercado de trabalho local de Porto Velho; b) a clínica-escola denominada de Serviço de Psicologia Aplicada (S.P.A), é o maior serviço de atendimento público em psicologia no estado de Rondônia, prestando atendimento gratuito à população carente; c) apesar de todas as carências e dificuldades enfrentadas pelos docentes do Departamento de Psicologia (DEPSI), para um exercício profissional adequado, nota-se que há um empenho em se superar, dada a exigüidade de recursos tanto materiais quanto econômicos à disposição do desempenho acadêmico. A maioria dos docentes do DEPSI tem se qualificado por meio de mestrado e doutorado durante o exercício profissional, apesar da sobrecarga que tal situação implica.

Recomendações

A partir de suas percepções, os entrevistados apresentam as seguintes recomendações:

- 1) antecipar o oferecimento dos estágios e ampliação das áreas oferecidas;
- 2) oferecer disciplinas opcionais que permitam ampliar teórica e praticamente o que o curso vem oferecendo, possibilitando, assim, uma formação mais abrangente;

- 3) realizar um trabalho de esclarecimento aos alunos em relação aos estágios que deverão realizar;
- 4) acompanhar os estágios, de modo a garantir sua qualidade, assim como o cumprimento das exigências legais;
- 5) garantir efetiva estrutura física e organizacional que permitam, nos estágios, a vivência adequada de práticas profissionais;
- 6) ampliar o acervo da Biblioteca;
- 7) equipar devidamente os laboratórios;
- 8) estimular e facilitar a produção de conhecimentos referentes à realidade regional seja pela participação tanto em atividades de pesquisa como em atividades de ensino;
- 9) contratar docentes mais qualificados, com mestrado ou doutorado;
- 10) desenvolver, na formação, a responsabilidade ética, o compromisso político e a postura crítica do psicólogo;
- 11) rever o modelo profissional dominante no curso;
- 12) promover maior integração e colaboração entre os professores e
- 13) facilitar, por meio de psicoterapia, o autoconhecimento dos discentes.

A análise das entrevistas de egressos e docentes permite que se sugira, para aprofundar ou complementar o estudo aqui desenvolvido,

- (a) uma avaliação mais abrangente do curso;
- (b) estudos etnográficos das práticas desenvolvidas nas diferentes disciplinas;
- (c) estudos mais aprofundados dos estágios;
- (d) estudos mais aprofundados do currículo adotado no curso;
- (e) estudos sobre o perfil do psicólogo necessário à população do Estado de Rondônia.

A falta de avaliação dos cursos de graduação é um dos principais motivos para um nivelamento por baixo da qualidade dos cursos em psicologia. Depois de credenciados junto ao Ministério da Educação, os cursos não têm sido acompanhados ou avaliados, não recebendo visitas regulares do MEC, ou mesmo opiniões e sugestões, como ocorre nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*⁹. Em função da ausência dessa avaliação, deve-se incentivar as instituições a planejar e desenvolver suas próprias avaliações.

As análises feitas indicam que na formação dos psicólogos deve-se estimular o estudo de diferentes linhas teóricas, bem como recorrer ao auxílio de conhecimentos oriundos de outras áreas. A psicologia, particularmente, necessita de áreas como sociologia, antropologia, economia, administração, educação, medicina etc para seu desenvolvimento. Tal situação decorre, primordialmente, da integração das áreas de trabalho, cada vez mais impostas pelo modelo econômico atual. É claro que a psicologia pode e deve beneficiar-se com tais trocas, enriquecendo-se, atualizando-se e questionando seus pressupostos e práticas.

Pode-se, finalmente, sugerir que os cursos possibilitem aos alunos uma atuação profissional crítica, eticamente orientada e comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e mais democrática.

⁹ As visitas ocorrem só até o credenciamento. Depois o intervalo é de dois em dois anos.

Referências Bibliográficas

AGUILAR, Maria José & ANDER-EGG, Ezequiel. **Avaliação de Serviços e Programas Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BASTOS, A.V.B. Mercado de trabalho: uma velha questão e novos dados. **PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PROFISSÃO**. 10, nº 2, 3, 4 / 1990, pp. 28 - 39.

_____. & ACHCAR, Rosemary. Dinâmica profissional e formação do psicólogo: uma perspectiva de integração. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, **Psicólogo Brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994, Cap. 05, pp. 245 - 271.

BELLONI, Isaura. Avaliação da universidade: por uma proposta de avaliação conseqüente e compromissada política e cientificamente. In: FÁVERO, M. de Lourdes (Org.) et. al. **A Universidade em questão**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989, Cap. 04, pp. 55 – 70.

BOMFIM, Elizabeth de M. (Org.). Pós-graduação e graduação em psicologia: modelos e organizações. In: _____. **Formações em Psicologia: Pós-Graduação e Graduação** (Coletâneas da ANPEPP), Belo Horizonte, V. 1, nº 8, pp. 9 - 18, set./ 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARVALHO, Ana M. A. "ATUAÇÃO PSICOLÓGICA" - Alguns elementos para uma reflexão sobre os rumos da profissão e da formação. In: _____. **PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PROFISSÃO**. nº 2, 1984, pp. 7 - 9.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. ABEP: uma entidade para cuidar da formação. In: **Jornal do Federal**. Brasília, Ano XIII, nº 52, fevereiro / 1998, p. 10.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

DIAS SOBRINHO, José. Avaliação quantitativa, avaliação qualitativa: interações e ênfases. **Psicologia da Educação**., São Paulo, nº 2, pp. 09-23, jun./1996.

DURAN, Álvaro Pacheco. Alguns dilemas na formação do psicólogo: buscando sugestões para superá-los. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo Brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994 . Cap. 6, pp. 273-310.

FÁVERO, Maria de Lurdes (Org.) et. al. **A Universidade em questão**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

_____. A Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: ALVES, Nilda (Org.) . **Formação de Professores - Pensar e Fazer**. São Paulo: Cortez, 1992, pp. 53 - 71.

FRANCISCO, A. L. & BASTOS, A. V. B. Conhecimento, formação e prática - o necessário caminho da integração. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, **Psicólogo brasileiro: construção de novos espaços**. Campinas: Átomo, 1992, Cap.07, pp. 211 - 227.

GOERGEN, Pedro. Avaliação como prática emancipatória: subsídios para uma teoria da avaliação institucional. **Psicologia da Educação**. São Paulo, nº 2, pp. 25-41, jun./1996.

JANUZZI, Célia M^a. Lira. **Avaliação de um curso de graduação: enfoque através de seus ex-alunos**. Rio de Janeiro, 1995. 137 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

MALUF, Maria Regina . Formação e atuação do psicólogo na educação: dinâmica de transformação. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, **Psicólogo Brasileiro: práticas**

emergentes e desafios para a formação. São Paulo: Casa do Psicólogo,1994, Cap. 03, pp. 157 - 200.

MELLO, Sylvia Leser de. **Psicologia e profissão em São Paulo.** São Paulo: Ática, 1983.

_____. Depoimento. In: Currículo: quais mudanças ocorreram desde 1962 ? **PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PROFISSÃO**. nº 1, 1989, pp. 16 - 18.

PEREIRA, S. L. M. As atividades profissionais do psicólogo em São Paulo. São Paulo, 1972. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação Emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo.** São Paulo: Cortez, 1995.

SOUSA, Clarilza Prado de. Avaliação educacional - questões metodológicas da avaliação institucional de universidades. **Psicologia da Educação.** São Paulo, nº 2, pp. 43 - 56, jun./1996.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1990.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UNIR). Departamento de Psicologia. Livros-Ata nº 1 e 2. Porto Velho, 1991/1996.

_____. Memorando nº129/NUSAU, de 19 de outubro de 1995. Solicita apreciação por parte do Colegiado do Curso de Psicologia do documento de Exposição e Proposição de Regularização das Grades do Curso de Psicologia.

_____.Processo de Reconhecimento do Curso de Formação em Psicologia da UNIR. (Processo nº 23001. 001753/94 - 17/UNIR). Relatório com parecer da Comissão Verificadora de Reconhecimento do Curso de Psicologia da UNIR. Presidente: Maria Angela Guimarães Feitosa. Período: 16 a 18 de janeiro de 1995.

_____. Processo de Regularização das Grades Curriculares do Curso de Psicologia - período 1989 à 1996. (Processo nº 23118.001703/95-78/Núcleo de Saúde). Aprovado pelo Parecer nº 076/ CE. Relator(a): Nair Ferreira Gurgel do Amaral. Porto Velho, 14 de dezembro de 1995.

_____. Regimento Geral da UNIR. Aprovado pela Portaria Ministerial nº1615, de 21 de novembro de 1994 e Resolução nº 017/CONSUN, de 11 de maio de 1990.

_____.Resolução nº 015/CD, de 27 de agosto de 1987. Aprova o Estatuto da Fundação Univ. Federal de Rondônia. Aprovado pela Portaria Ministerial nº 160 de 25 de fevereiro de 1988.

_____.Resolução nº 028/CONSUN, de 05 de novembro de 1990. Aprova a Regulamentação Geral dos Estágios da UNIR. Presidente: José Dettoni.

_____.Resolução nº 049/CONSUN, de 03 de setembro de 1991. Aprova o Regimento Interno do Curso de Psicologia e reformula sua habilitação estabelecendo que é constituída de: Licenciatura Plena e Formação de Psicólogos.

_____.Resolução nº113/CONSEPE, de 22 de abril de 1994. Homologa a decisão da Resolução nº 111/CONSEPE, de 16 de março de 1994, que aprova e convalida as alterações da Grade Curricular do Curso.

_____.Resolução nº 193/CONSEPE, de 14 de dezembro de 1995. Regulariza com base no Parecer 076/CE, as Grades Curriculares do Curso de Psicologia. Presidente: Osmar Siena.

_____.Resolução nº251/CONSEPE, de 27 de novembro de 1997. Regulamenta Sistema de Avaliação Discente da UNIR. Presidente: Osmar Siena.

VIEIRA, Sofia Lerche. A democratização da universidade e a socialização do conhecimento. In: FÁVERO, M. de Lourdes (org.) et. al. **A Universidade em questão**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989, Cap. 01, pp. 11 - 26.

OLHARES SOBRE A REALIDADE DO RIBEIRINHO: UMA CONTRIBUIÇÃO AO TEMA.¹⁰

Josélia Fontenele Batista Cabral¹¹

RESUMO: Trata das variadas leituras que são elaboradas dos ribeirinhos, as leituras são variadas; ora são tratados como vítimas de uma sociedade excludente, ora como índios, preguiçosos, como heróis das selvas por conseguirem adaptar-se a uma floresta e raras vezes como pessoas que definiram uma filosofia de vida, o fato é que, em geral, o ribeirinho é marginalizado.

PALAVRAS-CHAVE: Ribeirinho, Leituras, Heróis.

ABSTRACT: When it is spoken about the riverine ones the readings they are varied; for now they are treated as victims of an excluding society, for now as Indians, lazy, as heroes of the jungles for they get to adapt to a forest and rarely as people that defined a life philosophy, the fact is that, in general, the riverine is marginalized.

KEYWORD: Riverine, Readings, Heroes.

O olhar é com certeza o método de pesquisa mais utilizado em todos os tempos, porém o que varia é a leitura que o observador faz da realidade. Cada pesquisador analisa uma determinada realidade com base em seus próprios conceitos e verdades.

Quando se fala dos ribeirinhos as leituras são variadas; ora são tratados como vítimas de uma sociedade excludente, ora como índios, preguiçosos, como heróis das selvas por conseguirem adaptar-se a uma floresta e raras vezes como pessoas que definiram uma filosofia de vida, o fato é que, em geral, o ribeirinho é marginalizado.

A marginalização do ribeirinho surge da leitura que nós, “doutores”, fazemos, erroneamente, tomando por base o que julgamos importante para nós mesmos. Outro aspecto que tem contribuído para a não adoção de uma análise relativista é o discurso baseado em interesses capitalistas sobre o uso do tempo e do espaço em favor da produção.

¹⁰ Artigo apresentado como pré-requisito parcial à aprovação na disciplina de Populações Tradicionais, ministrada pelo Prof. Josué da Costa Silva.

¹¹ Licenciada em Geografia e Pós-graduada em Gestão Escolar pela Universidade Federal de Rondônia.

O ribeirinho integra o grupo das populações tradicionais que se percebe pertencente à natureza, em seu tempo e espaço próprios, fluindo com ela e não a dominando.

“... temos como definição de “ribeirinho” a população constituinte que possui um modo de vida peculiar que a distingue das demais populações do meio rural ou urbano, que possui sua cosmovisão marcada pela presença do rio. Para estas populações, o rio não é apenas um elemento do cenário ou paisagem, mas algo constitutivo do modo de ser e viver do homem”. Silva e Souza Filho (2002:27)

Entendemos que este modo de vida peculiar liga-se diretamente a natureza; é sua maneira de viver que permite uma relação harmônica com o seu espaço numa perspectiva sustentável, uma organização social diferenciada da urbana e uma relação econômica não ligada à produção do excedente como exige o capitalismo. É necessário compreender o ribeirinho não só como àquele que vive a margem do rio, mas aquele que respeita o rio, tendo a natureza como subsidiadora de toda sua riqueza material e cultural, riqueza não na acepção capitalista, mas no sentido de valor atribuído individual e coletivamente, de uso material e imaterial.

“É graças a esta forma peculiar do olhar do homem da região (que a Amazônia, que sempre se constituiu para os viajantes e estudiosos um espaço delimitado de geografia e cultura), tornou-se também uma extensão ilimitada às instigações do imaginário.” Loureiro (1995:59)

Oliveira (2002:17) define populações tradicionais como as “populações remanescentes dos fracassados ciclos de desenvolvimento econômicos implementados na região”.

Nestes ciclos econômicos, o contato do ribeirinho com o índio foi uma constante realidade que o ajudou a não adotar o modelo civilizatório imposto à natureza. No processo de transformação da floresta em espaços de produção capitalista, muitos usaram o termo de “amansar a mata”, mas na verdade que foi “amansado” foi o próprio homem, no caso, o ribeirinho, que reencontrou raízes ancestrais de relações diretas com a natureza, agora não na ótica da dominação, mas na da convivência pacífica; um não ataca o outro para que não se destruam.

A convivência “pacífica” do ribeirinho com o rio e com a floresta dá-se segundo leis próprias, alheias a visão de uma sociedade urbana ou rural capitalista em relação ao que seja certo e errado.

Na realidade do ribeirinho encontramos os mitos, os quais são códigos da lei mediadora de convivência entre o ser humano e a natureza. Esta lei, caso transgredida gera sofrimento ao seu transgressor. A linguagem mítica vem ora simplificar o entendimento de algumas mensagens, ora mascarar ou re-explicar verdades sociais que para o ribeirinho, seriam inconcebíveis. O isolamento geográfico que o ribeirinho enfrenta proporciona-lhe liberdade para a criação das normas de convivência, ainda que inconscientes.

“Na Amazônia seus mitos, suas invenções no âmbito da visualidade, sua produção artística, são verdades de crenças coletivas, são objetos estéticos legitimados socialmente, cujos significados reforçam a poetização da cultura da qual são originados. A própria cultura amazônica os legitima e os institui enquanto fantasias aceitas como verdades.” Loureiro (1995:85)

No grupo social dos ribeirinhos a transmissão do conhecimento, segundo Silva e Souza Filho (2002:29), ocorre preferencialmente de forma oral. Este fato assemelha muito estas comunidades às comunidades primitivas em que a educação tinha um caráter integrador para o educando, uma relação direta com a sua vida e proporcionava-lhe um sentimento de importância dentro do grupo social ao qual se incluía. Este aspecto integrador de conhecimentos se perdeu em nossa sociedade “civilizada” com os sucessivos “avanços” educacionais e agora o buscam sem sucesso.

“A cultura de cada país ou de cada povo tem sua maneira própria de realizar de forma original a experiência universal da vida, não só no conjunto das diferentes atitudes do indivíduo ou do grupo como no âmbito das circunstâncias humanas que o envolvem. Situações essas nas quais, mesmo em condições de isolamento, como no caso da Amazônia até os anos 70, sob a ação da transversalidade penetrante da função mítica, relacionam funcionalmente a experiência individual com essa totalidade que constitui a realização plena da experiência humana.” (Loureiro 1995:102)

É interessante ressaltar como o olhar capitalista retrata as populações tradicionais e imprime-lhes sua deformação:

“A Jari é constantemente acusada de ter promovido um problema social ao atrair a população para a área. Mas de outra forma, onde estaria essa população, que não faz controle de natalidade? Certamente seria menor, não há dúvida; a malária, a verminose e a destruição fariam esse controle, mas mesmo assim hoje ela seria grande. Por outro lado, não é justo que nosso caboclo seja condenado a viver eternamente como bicho na mata. Ir para a cidade, mesmo que no início pagando um altíssimo preço, e muitas vezes alguns sucumbem, é a única alternativa para tentar dar educação a seus filhos, para que estes tenham uma vida melhor que a dele e possam ser úteis a si mesmos e a região”. Lins (1997:128)

O trecho acima citado faz parte de uma obra escrita pelo historiador Cristóvão Lins, filho de um desses coronéis da Amazônia que enriqueceram explorando os migrantes ao longo dos ciclos econômicos. A referência que este autor faz é ao Beiradão (hoje a cidade de Laranjal do Jari), que passou por processos de abandono, opressão e retomada das atividades extrativistas. A verdade é que o autor enfatiza o “favor” que o Projeto Jarí, entre outros empreendimentos, prestou às populações que viviam isoladas na mata em lhes atrair e lhes dar a cidade como uma tábua de salvação.

A idéia é que estas populações seriam dizimadas pelas doenças da miséria, isto por que despreza o saber deste caboclo sobre as ervas medicinais e outras práticas curativas. Assemelha-os ainda, a animais quando usa a expressão “bicho do mato”.

Para Lins uma vida de indigência, desemprego, humilhação, prostituição das filhas e filhos é melhor quer viver na mata. Para o autor é preciso oferecer-lhes escolhas:

“E ainda existem os céticos que generalizam que o amazônida vive feliz. Não digo que não tenha um pouco de verdade, mas se ele vive aparentemente feliz é por que não tem parâmetros para escolher.” Lins (1997:127)

Será que as empresas que se instalaram na Jari e desarticularam toda uma organização social foi uma escolha? Será que a moradia no meio urbano em favelas e o subemprego são escolhas? A forma que o “doutor” concebe a realidade e a explica parece tão lógica, mas apenas para ele.

A última frase do discurso desse “doutor” é ainda mais impressionante e impregnada de desrespeito ao ribeirinho. Quando afirma que a educação e o sofrimento para tê-la é a única alternativa para uma vida melhor e para que possam (caboclos) ter uma vida útil a si mesmos e a região. Insere-se neste contexto a interpretação capitalista do trabalho, do tempo e da utilidade, ou seja, se o indivíduo não produz excedente para comércio a fim de beneficiar populações que não podem produzir seu alimento, este é considerado um inútil. A interpretação do ribeirinho sobre o tempo e trabalho é diferente da lógica do “doutor”.

Podemos assim definir as populações tradicionais como os indivíduos remanescentes dos ciclos econômicos que fracassaram e que resistindo as intempéries naturais, alcançaram conhecimentos sobre o meio ambiente por meio da experiência e/ou por contato com grupos indígenas, o que lhes proporcionou relações sustentáveis com o meio ambiente numa lógica cultural, temporal e econômica estritamente ligada à floresta.

O respeito à lógica do ribeirinho é o primeiro passo para empreender qualquer ação que venha a impactar sobre sua vida, seu cotidiano e seu espaço. Seu tempo é o do seu ambiente social e cultural, o da floresta. Sua produção é a mais importante, é a que lhe proporciona o suficiente.

Bibliografia

AMARAL, Januário; SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; SOUZA, Mariluce Paes (Orgs.). **Pesquisa na Amazônia: Intervenção para o desenvolvimento**. Vol. 1. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2001.

LINS, Cristóvão. **A Jari e a Amazônia**. Rio de Janeiro: DATAFORMA em convênio com a Prefeitura Municipal de Almerim (PA), 1997.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

OLIVEIRA, Luiz Rodrigues. Campo e Cidade na Amazônia: tendência de urbanização e o desenvolvimento. **Revista Educação Popular na Amazônia - Educandos e Educadores**. Publicação das Escolas de Formação Sindical Amazônia e Chico Mendes. S/E,2001.

SILVA, Josué da Costa & SOUZA FILHO, Theóphilo Alves de. O viver ribeirinho. In: **Nos Banheiros do Rio: Ação Interdisciplinar em busca da sustentabilidade em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia**. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2002.